



Caio Lopes Pessoa de Mendonça

**Estrutura comparativa do populismo digital: os casos do
Movimento 5 Estrelas e o de Jair Bolsonaro**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-RIO como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Maria Sarah da Silva Telles
Coorientadora: Maria Celina Soares D'Araujo

Rio de Janeiro,
Março de 2023



Caio Lopes Pessoa de Mendonça

**Estrutura comparativa do populismo digital: os casos do
Movimento 5 Estrelas e o de Jair Bolsonaro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-RIO como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Maria Sarah da Silva Telles

Orientadora

Departamento de Ciências Sociais – PUC-Rio

Profa. Maria Celina Soares D'Araujo

Coorientadora

Departamento de Ciências Sociais – PUC-Rio

Profa. Ana Paula Balthazar Tostes

Departamento de Relações Internacionais – UERJ

Prof. Fernando Cardoso Lima Neto

Departamento de Ciências Sociais – PUC- Rio

Rio de Janeiro, 31 de março de 2023

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Caio Lopes Pessoa de Mendonça

Graduou-se em Ciências Sociais na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em 2021. cursou o programa de pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio na linha de pesquisa “Desigualdades Socioeconômicas e Políticas no Brasil Contemporâneo”. Durante a graduação participou como bolsista PIBIC da pesquisa “Percepções sobre Participação na Formação de Coletivos”. Durante o mestrado, pesquisou sobre eleições, populismo, estratégias de campanha e meio digital.

Ficha Catalográfica

Mendonça, Caio Lopes Pessoa de

Estrutura comparativa do populismo digital : os casos do Movimento 5 Estrelas e o de Jair Bolsonaro / Caio Lopes Pessoa de Mendonça ; orientadora: Maria Sarah da Silva Telles ; coorientadora: Maria Celina Soares D'Araujo. – 2023.

83 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2023.

Inclui bibliografia

1. Ciências Sociais – Teses. 2. Populismo. 3. Estratégias de campanha. 4. Eleições. 5. Meios digitais. I. Telles, Maria Sarah da Silva. II. Araújo, Maria Celina Soares d', 1950-. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Ciências Sociais. IV. Título.

CDD: 300

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Às minhas orientadoras Professora Maria Celina Soares D'Araújo e Maria Sarah da Silva Telles pelo estímulo e parceria para a realização deste trabalho.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos meus pais, pela educação, atenção e carinho de todas as horas.

Aos meus colegas da PUC-Rio.

À professora Ana Paula Balthazar Tostes, pelas importantes contribuições ao trabalho.

A todos os professores e funcionários do Departamento pelos ensinamentos e pela ajuda.

A todos os amigos e familiares que de uma forma ou de outra me estimularam ou me ajudaram.

Resumo

Mendonça, Caio Lopes Pessoa de; Telles, Sarah Silva (Orientadora); D'Araujo, Maria Celina (Coorientadora). **Estrutura comparativa do populismo digital: os casos do Movimento 5 Estrelas e o de Jair Bolsonaro**. Rio de Janeiro, 2023. 83p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho pretende explorar o tema da recente emergência de casos de populismo, nas principais democracias pelo mundo, por meio de um estudo sobre o entrelaçamento entre fenômenos populistas e redes digitais, tomando como exemplos dois fenômenos populistas recentes que se enquadram no chamado populismo digital: o caso do Movimento 5 Estrelas na Itália e o de Jair Bolsonaro no Brasil. Longe de buscar sistematizar todos os elementos envolvidos na trajetória eleitoral de ambos, pretendeu-se elencar fatores importantes relacionados à ascensão política dos dois, tais como conjuntura política, características biográficas e, especialmente, como surgiram e se sustentaram a partir do campo midiático, criando um espaço próprio de crescimento face à dificuldade de acesso a recursos públicos. Os casos foram escolhidos, principalmente, pela centralidade do uso das ferramentas digitais aliada a estratégias populistas e, no caso italiano, por ser uma das primeiras experiências partidárias nascida do campo midiático. Esta dissertação contribui para demonstrar como esses casos se encaixam nessa noção de populismo digital e enfatizar, dado destaque que este tema ganhou nos últimos anos, ambos os fenômenos políticos como valiosos objetos de estudo, ajudando na compreensão de outros similares que existam ou que venham a existir no futuro a partir do ambiente virtual. Inicialmente, é levado em consideração breves noções de populismo, tomando como parte constitutiva da democracia representativa e flexível às mudanças nos padrões de sociabilidade na sociedade. Posteriormente, é realizada a análise sobre os dois casos, através da leitura de autores que os estudam. E por fim, são comparados à luz de tendências populistas presentes na lógica das ferramentas digitais, em que pese a visibilidade e potencial de alcance em detrimento da validade ética das mensagens produzidas pelos usuários.

Palavras-chave

Populismo; Estratégias de campanha; Eleições; Meios digitais.

Abstract

Mendonça, Caio Lopes Pessoa de; Telles, Sarah Silva (Advisor); D'Araujo, Maria Celina (Co-advisor). **Comparative structure of digital populism: the cases of the 5 Star Movement and Jair Bolsonaro**. Rio de Janeiro, 2023. 83p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present work intends to explore the theme of the recent emergence of cases of populism, in the main democracies around the world, through a study on the interweaving between populist phenomena and digital networks, taking as examples two recent populist phenomena that fall under the so-called digital populism: the case of the 5 Star Movement in Italy and that of Jair Bolsonaro in Brazil. Far from seeking to systematize all the elements involved in the electoral trajectory of both, it was intended to list important factors related to the political rise of both, such as political conjuncture, biographical characteristics and, especially, how they emerged and were sustained from the media field, creating a space of its own for growth in view of the difficulty of accessing public resources. The cases were chosen mainly because of the centrality of the use of digital tools combined with populist strategies and, in the Italian case, because it was one of the first partisan experiences born from the media field. It is intended to contribute to demonstrate how these cases fit into this notion of digital populism and to emphasize, given the prominence that this theme has gained in recent years, both political phenomena as valuable objects of study, helping to understand other similar ones that exist or that will exist in the future from the virtual environment. Initially, brief notions of populism are taken into account, taking as constitutive part of representative democracy and flexible to changes in sociability patterns in society. Subsequently, the analysis of the two cases is carried out, through the reading of authors who study them. And finally, they are compared in the light of populist tendencies present in the logic of digital tools, in spite of the visibility and potential reach to the detriment of the ethical validity of the messages produced by the users.

Keywords

Populism; Campaign strategies; Elections; Digital media

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 ESTRATÉGIA DO POPULISMO.....	13
2.2 CAMPANHAS POLÍTICAS NA ERA DIGITAL	17
3 O CASO DO MOVIMENTO 5 ESTRELAS NA ITÁLIA.....	20
3.1 INTRODUÇÃO.....	20
3.2 BREVE SÍNTESE SOBRE O SISTEMA POLÍTICO ITALIANO	21
3.3 HISTÓRIA DO MOVIMENTO ATÉ 2013 E BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DE SEU PAPEL NO PARLAMENTO.....	26
3.4 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO PARTIDO M5S	35
4 O CASO BOLSONARO	41
4.1 INTRODUÇÃO.....	41
4.2 CONTEXTUALIZAÇÃO POLÍTICA DAS ELEIÇÕES DE 2018 NO BRASIL	44
4.3 A RÁPIDA ASCENSÃO DE BOLSONARO NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS	54
4.4 ESTRUTURA DE CAMPANHA PARA PRESIDENTE DO ENTÃO CANDIDATO JAIR BOLSONARO	61
5 M5S E BOLSONARO EM PERSPECTIVA COMPARADA.....	69
6 CONCLUSÃO.....	75
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79

Lista de figuras

Figura 1 - Reprodução da cédula eleitoral usada em 2018	25
Figura 2 - Logotipo atualizada do Movimento 5 Estrelas.....	27

INTRODUÇÃO

Giuliano da Empoli (2019), em seu livro “Os engenheiros do caos”, enfatiza um intenso movimento nas democracias ocidentais com a ascensão de populismos nas últimas duas décadas. Nesse período, o autor ressalta o que chama de carnaval populista, evento assemelhado ao evento carnavalesco quanto à inversão de papéis e possibilidades de construção de realidades fantasiosas. É nesse sentido que, impulsionados pelo engajamento midiático das redes, políticos e influenciadores elevam discursos avessos à ordem estabelecida transformando vícios, defeitos e características específicas em elementos positivos de um outsider (fora do sistema, do establishment). A falta de embasamento na realidade de tais discursos e seu apelo a uma “nova” sociedade garante a esses atores autenticidade aos olhos da população, diz o autor.

O objetivo de Empoli (2019) é desenvolver uma análise sobre a lógica presente por detrás desse recente fenômeno de ascensão de populismos nas democracias ocidentais. Todavia, ao contrário do que se espera pela leitura do título de sua obra, pretende discorrer sobre o tema dando ênfase aos responsáveis pelo engajamento político, ou seja, cientistas especializados em “Big Data”. No entanto, convém destacar aqui a importância de entender esse processo através de fatores internos e externos, pois, tanto por circunstâncias históricas específicas de cada localidade quanto por recursos presentes em grande parte do mundo globalizado, oferecem pistas imprescindíveis para a compreensão de fenômenos políticos similares. Dito isso, o intuito da pesquisa é propor um debate teórico com a finalidade de desenvolver uma estrutura comparativa entre dois diferentes fenômenos políticos populistas recentes. O primeiro trata do partido político “Movimento Cinco Estrelas” na Itália em 2013, quando o movimento que o antecede entra em fase de institucionalização, sendo referenciado no trabalho pela sua sigla M5S (*Movimento 5 Stelle*). O segundo, aborda a emergência de Jair Bolsonaro como fenômeno político-eleitoral, no Brasil, em 2018, quando se apresenta como candidato à Presidência da República, dando margem ao que se chamou de bolsonarismo.

O bolsonarismo e o Movimento 5 Estrelas foram escolhidos para análise pela forma como ferramentas digitais foram fundamentais e centrais para a ascensão de ambos, impulsionadas por sociedades cada vez mais mediadas por tecnologias digitais de comunicação. A argumentação que orienta o trabalho é justamente a de que em ambos os movimentos as redes digitais foram fundamentais, acompanhando tendências de mudanças nas campanhas políticas modernas e revelando o meio digital como terreno fértil para o fenômeno do populismo – o que não é exclusivo dos dois casos examinados aqui. Desta maneira, desenvolve-se mais adiante como ambos se enquadram no chamado “populismo digital”. Além disso, em ambos, a estratégia populista foi fortemente orientada a partir da confrontação ética e moral que questionava de forma recorrente o status quo, mas por razões distintas: o bolsonarismo alegando o combate à esquerda e à corrupção e com forte apelo religioso e o Movimento 5 Estrelas alegando ser necessário revolucionar a política em várias frentes por meio de ferramentas digitais. Outro aspecto importante a ser observado é a rede de relações de ambos no que toca a verticalidade ou horizontalidade nas interações com o público. O que se observa é que, com diferentes ênfases, ambos demonstram aspectos verticais com tendências autoritárias naturais ao populismo como também poder de ação dos atores envolvidos abaixo do líder.

O caso do Movimento 5 Estrelas (M5S) na Itália é apontado por apresentar características que o especifica dentre outros fenômenos políticos populistas e aspectos que transcendem o contexto nacional. Segundo Tronconi (2016, p.303), o sucesso da entrada do M5S na competição eleitoral nacional da Itália é incomparável com qualquer primeira participação eleitoral de outro partido na Europa pós-guerra. É um partido político populista que rejeita a denominação de partido e, através da incorporação das ferramentas digitais na própria estrutura organizacional, busca a utopia de uma renovação total na política com base em princípios de democracia direta.

Criado oficialmente em 2009, o partido tem como seu principal fundador o comediante “Beppe Grillo”, que possuía desde a década de 1980 um ácido teor político em seu repertório humorístico. Ao longo de sua trajetória ativista, muitos aspectos de sua figura e de seu futuro partido aproximam-se do populismo: retórica antissistema, ou antiestablishment, opondo aqueles que controlam o poder político e econômico (políticos, empresários, bancários, jornalistas) aos cidadãos comuns,

enaltecidos por valores relacionados ao trabalho e à honestidade. Seu carisma foi aos poucos reforçando sua liderança, enquanto sua comunicação (muitas vezes ofensiva) destacava a proximidade com os cidadãos comuns e distância em relação às instituições. Outra característica é a autodenominação do fenômeno de Grillo como algo diferente de partido, sendo descrito pelos integrantes como algo mais descentralizado, sem liderança e como espaço de empoderamento do cidadão comum. Algo contraditório, já que as decisões finais eram tomadas por Grillo e sua equipe, mas que desafiam os modelos e as concepções clássicas de partido e de organização partidária.

É notório que crises que levam à insegurança e instabilidade na sociedade propiciam terreno fértil para o surgimento de populismos, como crises econômicas e políticas. É o caso do contexto do final do século XX na Itália que levou o populista carismático de direita Berlusconi ao poder. Esse cenário se repete na última década com atenuantes por causa da crise econômica global de 2008. Todavia, o M5S promove uma utopia que transcende o contexto nacional, pois suas especificidades frente a outros fenômenos populistas europeus apontam para uma difícil identificação ideológica no espectro político e na forma inovadora como incorpora as ferramentas digitais. Isso diz respeito a duas coisas. Em primeiro lugar, é um fenômeno político capaz de conquistar votos de diferentes grupos ideológicos, por meio de posições variadas frente a temas políticos. Enquanto o discurso nacionalista, antissistema e outras ideias indicam um posicionamento à direita, o M5S apresenta em sua ideologia críticas ao consumismo e à precariedade do trabalho no capitalismo, conquistando apoio da esquerda. Além disso, as cinco estrelas em seu nome significam valores ligados à distribuição de água, meio-ambiente, mobilidade, desenvolvimento sustentável e energia renovável, temas inovadores e progressistas. Em segundo lugar, o uso da internet é tanto ferramenta de comunicação como de organização, dado que se diz símbolo fundamental da utopia da democracia direta – horizontal – contrapondo-se à política representativa – vertical (TRONCONI, 2016, p.20).

Pelo outro lado, crises no sistema político brasileiro também tiveram como um de seus efeitos a ascensão de um expressivo fenômeno político populista, porém, de extrema direita com inclinação autoritária e religiosa. O bolsonarismo, termo muito utilizado pela opinião pública e meio acadêmico para se referir ao movimento político formado ao redor da ascensão de Jair Bolsonaro em 2018,

indica também certa ambiguidade na estratégia utilizada para formar sua base de apoio, já que, mesmo sendo um fenômeno político de extrema direita, conseguiu atrair diferentes grupos por vezes opostos dentro da esfera política de direita no Brasil. Isso reflete sobretudo a forma com que as estratégias populistas foram utilizadas por meio das ferramentas digitais, principalmente pelo forte uso do WhatsApp, de forma a estabelecer conexões, mesmo que parciais, com número significativo de pessoas. Assim como o Movimento 5 Estrelas, a velocidade da ascensão do bolsonarismo é vertiginosa, indicando ser um fenômeno com especificidades ligadas à conjuntura política brasileira, mas também conotações que transcendem o contexto nacional, ou seja, estratégias digitais.

2

REFERENCIAL TEÓRICO

2.1

ESTRATÉGIA DO POPULISMO

Populismo não é algo novo. Muitos estudiosos buscam entender o tema e dar uma definição para caracterizar distintos atores políticos como populistas, desafio que constitui um rico campo de estudo e que se tornou base de dissenso nas ciências sociais. Populismo é entendido por Norris e Inglehart (2019) como uma retórica que reflete uma série de princípios morais que determinam quem deve governar, mas sem apontar políticas bem definidas em direção a esse conjunto de valores. É um tipo de discurso flexível usado de forma a aproximar a legitimidade do poder a determinado conjunto ideológico de valores e princípios, que pode variar dependendo de cada caso. Independente do conjunto ideológico, a legitimidade do governo é aproximada a determinado fenômeno político e sua respectiva ideologia pela crença de supostamente representar o povo em oposição à "elite". Neste sentido, sendo o povo a única fonte legítima de poder de acordo com essa retórica, líderes populistas tendem a se colocar como única opção legítima para ocupar espaços de poder, apresentando-se como únicos aliados do povo. Desta forma, tais atores políticos têm como alvo a crítica à legitimidade do sistema, do “establishment”, questionando a legitimidade de autoridades e organizações como líderes eleitos, mecanismos eleitorais, imprensa, ciência, etc.

Müller (2016) defende a tese de que o populismo está ligado a um conjunto de reivindicações políticas morais e desenvolve a existência de uma lógica própria. O autor reitera que o populismo não se explica por meio de uma condição psicológica da sociedade, carisma do líder, políticas simplistas, ou posição contrária às elites, já que muitos fenômenos políticos apresentam tais aspectos sem serem necessariamente populistas. É explicado por uma visão moral imaginária da política, portanto, fictícia, na qual há um povo unido moralmente puro contra elites corruptas. E ainda acrescenta que dentro dessa visão este povo unido pode contar com a representação apenas de um único líder capaz de traduzir essa vontade

popular na esfera política. Isso diz respeito a uma noção de representação particular, dentro da lógica do populismo, de conexão direta entre as pessoas e o líder. Este, por sua vez, não precisa apresentar necessariamente um padrão de comportamento específico (embora isso possa ajudar a convencer no âmbito antissistêmico), mas necessita estabelecer um tipo de conexão e identificação que enfatize a deslegitimação das instituições e a descrença em qualquer tipo de mediação.

Em outras palavras, o populismo se expressa por meio de uma linguagem particular, na qual, em primeiro lugar, reflete uma noção fictícia de representação pura e, em segundo lugar, estabelece uma conexão direta entre o líder e seus apoiadores. Essa representação pura, que traz a alegação de representar de forma verdadeira a vontade popular, pode ser considerada antipluralista, já que ignora a diversidade, tomando a sociedade de forma homogênea. Podem ser identificadas nessa linguagem variações em torno de argumentações, mas forte essência de aspecto moral oposto ao empírico. Existe uma variedade de casos de populismo, mas a caracterização de cada um como tal não é questão de interpretação subjetiva, depende da análise de sua linguagem através de sua forma de atuação.

De La Torre (2007) toma o fenômeno do populismo como constitutivo da democracia representativa. Explica a existência de uma ambiguidade na relação entre os dois: enquanto o populismo valoriza a inclusão de culturas e valores de grupos historicamente marginalizados, acusando falhas no sistema, por outro lado, apropria-se dos significados de povo, levando à imposição de líderes e de versões de autenticidade popular. O fenômeno do populismo tende a persistir junto à democracia representativa conforme grupos excluídos continuam a ter dificuldade em acessar seus direitos constitucionais, especialmente os sociais. Neste sentido, estudos mais recentes sobre populismo têm desassociado processos de modernização e industrialização como pré-requisitos para a emergência deste tipo de fenômeno. O populismo, na narrativa de seus líderes, tem como proposta a inclusão, porém sua lógica não garante a opinião individual e o dissenso, garantias estas facilitadas pelos canais tradicionais de intermediação das instituições representativas.

Norris e Inglehart (2019, p.21) ainda indicam risco para a Democracia quando o populismo carrega consigo valores autoritários. De acordo com os autores, valores autoritários tendem a privilegiar a segurança coletiva em detrimento da manutenção e expansão da liberdade individual, dando prioridade à

segurança, à uniformidade do grupo para preservar seu estilo de vida e à obediência da sociedade em relação à autoridade que promete proteger o grupo. Isso significa um medo que une as pessoas contra o que acreditam ser uma ameaça e reforça dependência ainda maior em relação àquilo que acreditam formar barreiras de proteção, tal como partidos e pluralidade de líderes. Importante ressaltar que, embora existam populismos não autoritários, outros podem apresentar elementos autoritários quando se firmam como movimentos antipluralistas. Assim, é possível identificar elementos autoritários na trajetória dos dois casos abordados no presente trabalho.

É importante reforçar que as estratégias usadas por populistas, principalmente em posições de poder, podem não ser exclusivas de líderes populistas, mas estes assumem tais estratégias de forma mais aberta, ligando-as à essência do populismo, que é justamente a ligação/identificação direta com o povo e a narrativa da exclusiva legitimidade do acesso ao poder. Isso se reflete em práticas como a busca pela ocupação de maior número possível de cargos dentro do sistema de poder, trocas clientelistas em massa e a supressão da oposição por razões morais (MÜLLER, 2016). Essas práticas tornam-se fatores importantíssimos quando populistas ascendem ao poder usando teorias da conspiração de forma a justificarem suas ocupações em cargos, carregando consigo o apelo moral e a conexão direta com o povo.

Existem muitas características em comum entre populismos e teorias conspiratórias, como maniqueísmo, vitimismo e ambivalência frente às instituições de representação. Embora um não implique necessariamente o outro, sendo fenômenos independentes, é notório a ascensão de populismos dentre muitos governos democráticos ocidentais nos últimos anos que se utilizam dessas teorias para se lançarem candidatos, vencerem eleições e se manterem no poder. Isso porque existe uma racionalidade estratégica ligada a essas teorias: servem como importante ferramenta de mobilização, justificam práticas personalistas, e ajudam na tentativa de conciliar a rejeição contra o establishment com as regalias de fazer parte dele. Ainda, quando necessário, podem ser abandonadas para fins de moderação e resgatadas para determinados fins (LP PIRRO, TAGGART, 2022).

Quando refletido sobre ser ou não uma ameaça para a democracia liberal, esta que compreende tanto a soberania popular quanto mecanismos de peso e contrapeso, o presente trabalho defende a necessidade de apontar os diferentes

efeitos ligados ao populismo, ao invés de explicá-lo somente pelas características negativas e riscos que apresenta para a democracia. Como já dito, o populismo pode ser considerado parte constitutiva da democracia representativa, e pode contribuir na identificação de falhas de tal sistema de governo, revelando grupos excluídos do debate em torno da agenda política. Dessa forma, tal fenômeno político torna-se eficaz na tarefa de mobilizar esses setores marginalizados da sociedade, engajando-os no debate político. Todavia, como já mencionado, há elementos autoritários ligados ao fenômeno, que podem se inclinar contra os mecanismos de peso e contrapeso da democracia recorrendo a uma utópica concepção de povo e de moralização da política.

No entanto, estudar o populismo envolve também acompanhar as mudanças do mundo social, como ferramentas de comunicação e padrões de sociabilidade, a fim de entender o lado das multidões com quem os líderes populistas estabelecem conexões diretas. Estudos mais recentes dentro do tema da psicologia das multidões rejeitam a concepção de multidões como a soma de indivíduos formando um corpo irracional. Ao invés disso, concebem multidões como potência de transformações sociais por meio de relações de poder e contra poder. Isso é visto principalmente nos tempos atuais em que há um sistema de comunicação mais rápido e interconectado que possui tanto ordens estabelecidas quanto produções alternativas, a partir de multidões formadas por corpos mesmo distantes um dos outros (CAIAFFO, et al., 2007). Este trabalho sugere a necessidade do estudo da forma com que líderes se aproveitam das multidões e suas potencialidades, utilizando características populistas para dar sentido a espírito e sentimentos comuns na sociedade, o que leva à tradução desses sentimentos em retóricas, símbolos e práticas, processo facilitado pelas ferramentas digitais, que encurtam as distâncias e personalizam as mensagens.

O avanço tecnológico na contemporaneidade, no entanto, parece significar algo além do desenvolvimento de ferramentas digitais. Isso porque também transformam os cidadãos ao aglutinar expectativas frente às instituições políticas. Bailo (2017, p.29) argumenta que as tecnologias digitais em seus usos cotidianos são capazes de transformar os cidadãos, transformar suas demandas frente à política, como também suas expectativas em relação às instituições. O autor trabalha em sua pesquisa com o termo de “cidadãos usuários”, ou seja, quando cidadãos alcançam empoderamento através dos meios digitais, das redes, enquanto

como efeito do uso dessas ferramentas também encaram a sensação de desempoderamento político a que estavam submetidos. Isso faz com que grupos utilizem as redes não somente como ferramenta, mas também como suposto símbolo de características presentes nos ideais democráticos como: transparência, liberdade de expressão, participação e igualdade de condições.

As pessoas têm se associado mais através das redes para promover protestos, se organizar em grupos de movimentos, ou mesmo criar discussões sobre variados temas. Pelo outro lado, políticos parecem conduzir suas campanhas e mandatos políticos dependendo cada vez mais do fluxo informacional das redes sociais.

A incorporação das mídias digitais na política tem impactos positivos e negativos na democracia, na medida que reduz consideravelmente o número de intermediários, intensifica as redes de relações e torna possível maior disseminação com menor custo financeiro. Isso tudo se insere dentro de um contexto histórico de aumento da insatisfação e mobilização nas sociedades, e quando a capacidade das instituições de dar respostas a problemas sociais é cada vez mais questionada. É possível, nas últimas décadas, em ambientes online, observar estratégias racionalmente construídas no jogo político que buscam atingir a maior disseminação possível de ideologias políticas. Consequentemente, em certos casos populistas, nas ações por meio das redes é nítido o papel central dessas ferramentas digitais em mobilizar grandes parcelas da sociedade contra adversários políticos e estreitar a ligação delas com a liderança que as mobiliza.

2.2

CAMPANHAS POLÍTICAS NA ERA DIGITAL

Em um mundo em que as relações sociais se encontram cada vez mais mediadas pelas redes digitais, não são mais apenas os remetentes das mensagens políticas que operam 24/7 (24 horas por dia, 7 dias por semana), ou seja, a todo momento, como a população em geral também opera. As campanhas políticas têm usado cada vez mais as redes sociais, mas isso não quer dizer que são veiculadas menos campanhas políticas através da televisão aberta/fechada. De fato, com as redes, a oferta de canais de comunicação ampliou-se consideravelmente. Hoje

existem mais plataformas de comunicação a serem exploradas politicamente, como televisão aberta/ fechada, rádios, aplicativos de celular, redes sociais e outros serviços de internet e virtuais. Quanto mais atores políticos se adaptam a esses novos hábitos das sociedades, absorvendo diferentes demandas, maior o impacto sobre o eleitorado (JOHNSON, 2020).

Desta forma, as campanhas políticas têm cada vez mais buscado entender essas mudanças e tirar vantagem das ferramentas digitais de comunicação. O fenômeno do populismo também parece ter acompanhado tais mudanças, fazendo com que autores se refiram a novos casos de populismo que se utilizam das redes como “populismos digitais”. Cesarino (2022) entende por populismo digital não o simples incremento das ferramentas digitais em casos populistas recentes, mas aspectos populistas novos associados aos recursos digitais. Tanto recursos digitais, quanto contextos conjunturais que inspiram atmosfera de crises, principalmente de cunho moral, contribuem para a emergência desses novos populismos. A autora, ao se referir ao caso do bolsonarismo no Brasil e ao episódio em que Bolsonaro é atingido com uma faca durante a campanha política de 2018, explica o que chama de “corpo digital do rei”. Ou seja, quando uma intensidade de engajamento virtual em torno de um líder populista impulsiona certo movimento sem que seja necessário o aparecimento físico do líder. A relação entre líderes populistas e seus apoiadores através das redes sociais pode significar maior autonomia do movimento. Por esta lógica, a mobilização se torna ainda mais rápida em torno de determinado fenômeno populista, dependendo de episódios capazes de criar estímulos mais intensos que geram maior engajamento.

O estudo de populismos atuais com essas características compreende entender a incorporação das redes digitais na política, já que reconfiguram aspectos populistas como a própria conexão direta entre o líder e seu eleitorado. Como bem lembra Castells (2013), a construção das relações de poder no mundo político é afetada em grande medida pelo ambiente comunicacional, considerando o ser humano um ser social que tece significados e comportamentos frente ao mundo a partir das redes de relações sociais. As redes digitais por essa perspectiva fazem parte de um processo de mudanças que aumentam o alcance e autonomizam as mensagens. Quem detém maior poder nesse cenário são aqueles capazes de direcionar e elaborar tais redes, em uma tensão constante entre programar e reprogramar. Para esse autor, as mudanças sociais são resultantes de relações

comunicativas, sendo as tecnologias e morfologias das redes de comunicação o que dá forma aos processos de mobilizações políticas.

A sociedade nesse contexto de redes digitais, além de ter essa característica de maior autonomização da comunicação, também protege movimentos de adversários e desarma perigos internos pela capacidade de descentralização. Neste cenário, os movimentos políticos tomam uma dimensão de maiores possibilidades de disseminação ao atingir mais pessoas a cada dia (CASTELLS, 2013). No caso de fenômenos políticos que se utilizam de estratégias populistas por meio das redes digitais, conseguem potencializar os efeitos de retóricas que fortaleçam antagonismos na sociedade, e ainda garantem maior grau de personalização quanto à conexão direta entre líder e apoiadores, dada a realidade das redes digitais em oferecer experiências centradas no indivíduo usuário.

As redes digitais parecem significar maiores possibilidades de estratégias de mobilização. A partir disso pode ser observado nos últimos anos a ascensão de líderes e partidos políticos que se utilizam de estratégias populistas por meio das redes visando engajar o maior número de pessoas, como, por exemplo, Bolsonaro, Trump, Movimento 5 Estrelas, PODEMOS e tantos outros. Existe de fato uma afinidade entre o crescimento de novos casos de populismo no século XXI com a nova era digital. Essas redes se tornaram primordiais para avançar com estratégias políticas, por meio do engajamento e apelo discursivo (RODRIGUES, FERREIRA, 2020).

3

O CASO DO MOVIMENTO 5 ESTRELAS NA ITÁLIA

3.1

INTRODUÇÃO

De acordo com Tronconi (2016, p.304), três fatores contribuem para o surgimento e crescimento de novos atores políticos: as condições impostas pelo sistema eleitoral, que podem ou não favorecer entrada de novos atores; a organização do partido quanto à capacidade de mobilização da base eleitoral e acesso a recursos do Estado; e a habilidade do partido de captar expectativas que outros partidos existentes não são capazes de suprir, ocupando espaços vazios. No caso do M5S, o primeiro e o segundo fator não só parecem não ter favorecido o Movimento, como parece terem sido impeditivos.

O novo sistema eleitoral adotado em 2005, proporcional de lista fechada, contava com um bônus majoritário de reserva de cadeiras para coalizões com mais votos nacionalmente e ainda um sistema complexo de vários limites mínimos de obtenção de cadeiras. Tais mecanismos são desafiadores para a entrada de novos partidos e seus candidatos, principalmente para aqueles que se recusam a entrar em coalizões, como foi o caso em boa parte da história do M5S.

Além disso, o autor menciona que os fundos de financiamento público são de mais fácil acesso àqueles partidos com representantes eleitos. Dito isso, o mérito de entrada do Movimento foi mais relacionado ao terceiro fator. O partido de Beppe Grillo foi capaz de ocupar arenas políticas alternativas que foram deixadas de lado por outros partidos, sendo fator de impulsão o sentido dado na incorporação das ferramentas digitais em sua prática de política. Desta forma, o Movimento superou os obstáculos impostos pelo sistema eleitoral e regras de fundos de financiamento público.

Para o autor, no curto prazo, o M5S como partido foi capaz de construir sua identidade como movimento antissistema. Todavia, sua premissa de “partido movimento” é frágil e instável pela própria forma e meio de atuação do partido no parlamento. As contradições existentes dentro do Movimento só aumentaram

quando o partido passou a ter que tomar decisões e escolhas em âmbito nacional. O presente capítulo tem como objetivo explorar mais a fundo o fenômeno político do Movimento 5 Estrelas, que marcou história na política contemporânea na Itália e se junta a tantos outros fenômenos políticos recentes pelo mundo que surpreenderam a opinião pública e científica.

Essa surpresa não é ocasional. O mundo social, dada a rapidez e fluidez das mudanças sociais e a tendência recente de ascensão de populismos, parece ter acionado luzes de atenção para a velocidade como impactam as diversas democracias pelo mundo, desafiando a literatura sobre o tema. Para melhor explorar tal objeto de estudo, que apresentou tamanha velocidade, este capítulo se divide em três partes: uma breve síntese sobre o sistema político italiano; a história do Movimento até 2013 com seu papel exercido no parlamento; e, por fim, a estrutura organizacional do partido, que reflete as estratégias de ação incorporadas.

3.2

BREVE SÍNTESE SOBRE O SISTEMA POLÍTICO ITALIANO

O esforço empreendido na descrição de fenômenos políticos, tais como agremiações políticas, compreende a contextualização do cenário político em que se inserem, não apenas quanto às tipificações em torno das tendências de determinado cenário, como também a própria estrutura institucional, que impacta as circunstâncias históricas específicas de cada localidade. Para Panebianco (1988), partidos políticos diferem de outras organizações dada a relação que têm com o meio específico em que desenvolvem uma atividade específica. Em outros termos, dividem espaços de atividade com outros grupos, mas é o único tipo de organização que atua em um meio eleitoral em que se dá a competição por votos. Defende o estudo sobre a organização de partidos políticos através de suas próprias atividades, e não por meio de características pré-concebidas (tais como a representatividade social ou ideologia), atividades que de fato envolvem dilemas, isto é, necessidades contraditórias que todo partido político precisa equilibrar.

Desta forma, o autor formula um tipo ideal de evolução organizacional de partidos como forma de aproximação para se compreender trajetórias de partidos

específicos. Descreve em seu modelo três fases pelas quais os partidos políticos passam: a fase de criação, institucionalização e sua fase de maturidade. Sendo seu modelo um tipo ideal que auxilia na compreensão de evoluções específicas de organização de partidos, o autor leva em consideração variáveis que afetam a singularidade de cada trajetória partidária, tais como: a sobrevivência de características no decorrer da trajetória de cada partido; diferentes combinações possíveis após a fase inicial de criação (que influenciam a formação de suas particularidades na terceira fase); a relação com outras organizações ao longo do tempo; e as constantes mudanças no meio que podem afetar as necessidades dos partidos de forma que o modelo não prevê.

A forma como se organiza o sistema político de determinado país, com seu respectivo sistema eleitoral, se torna importante recurso no entendimento de como se organizam os partidos políticos e como se dão as relações entre eles e suas bases políticas, sendo tal organização fundamental como formadora das regras em que se inserem os partidos e suas próprias estratégias no mundo político. Essa tem sido a preocupação de muitos cientistas políticos como Jairo Nicolau (2006), autor que busca através do sistema eleitoral brasileiro de lista aberta explorar as relações dentro dos partidos políticos e suas relações com a sociedade, tendo em vista seu argumento dos efeitos das regras do sistema eleitoral brasileiro de lista aberta sobre partidos, eleitores e relações entre os dois. Será explorado em seguida o sistema de governo italiano, quanto a sua caracterização, forma como o eleitorado escolhe seus representantes e como os partidos se organizam, dada à importância em relação ao objeto pesquisado.

O período que se compreende do final da segunda guerra entre 1948 a 1993 é conhecido como primeira república italiana, enquanto o processo de mudanças políticas provocadas por crises na década de 1990 marcam o começo da segunda república (RICCI, 2006). O governo italiano atualmente (2022) é formado pelo primeiro-ministro nomeado pelo presidente da República, que nomeia sua equipe que forma o Conselho de Ministros. Por sua vez, o conselho de ministros liderado pelo primeiro-ministro dá o direcionamento à política geral do governo. Após formado, o governo deve apresentar por meio do primeiro-ministro uma agenda de governo ao parlamento (Senado e Câmara de Deputados), que deve votar e aprovar o programa. Já quanto à forma de eleição de representantes ao parlamento, o sistema eleitoral italiano passou por diversas reformas ao longo do tempo. Após o

estabelecimento de uma república democrática parlamentarista em 1948, a Itália passou por três grandes reformas eleitorais e eleições: sistema proporcional de lista aberta, sistema misto e sistema proporcional de lista fechada com bônus majoritário (PASSARELLI, 2018). De acordo com Marengo (2018), em seu estudo sobre continuidades e rupturas de regras eleitorais, a quantidade de mudanças no sistema eleitoral na Itália entre 1800 e 2002 parece indicar um histórico no país de instabilidade das instituições eleitorais, em contraste com países como Austrália, Canadá, Estados Unidos e Reino Unido, que pouco modificaram seus sistemas eleitorais adotados no século XIX.

Passarelli (2018) detalha as diferentes reformas eleitorais italianas, as circunstâncias relacionadas a essas mudanças e suas consequências. Tal evolução apresenta efeitos sobre a estrutura partidária, o eleitorado e a relação entre os dois. Nas primeiras eleições democráticas para o parlamento em 1948, com o fim do fascismo e queda de Mussolini, um sistema de voto proporcional de lista aberta com voto preferencial foi adotado. Neste período, até o ano de 1991, o voto preferencial contava com uma lista de quatro candidatos escolhidos pelo eleitor em seu distrito. Esse sistema eleitoral ficou caracterizado pela intensificação da competição intrapartidária entre candidatos e pelo faccionalismo dentro dos partidos. Um dos problemas que levaram à mudança no sistema foi quanto à necessidade de garantir maioria no Parlamento, problema que, como será visto ao longo do texto, perpassa a história política da Itália até os dias atuais.

Marengo (2018) demonstra que modificações institucionais têm mais probabilidade de ocorrer em situações voláteis, já que as negociações em torno dessas mudanças se tornam mais fáceis quanto menor for o período da configuração institucional em questão. Todavia, enfatiza que, mesmo com longa duração, instituições não estão totalmente fora do alcance de circunstâncias e contextos mudancistas tanto de dentro quanto de fora. Observando o caso italiano, a mudança nas leis eleitorais de um sistema proporcional para um sistema misto, após longo período de operação do sistema proporcional com voto preferencial (em operação de 1948 a 1992), parece ter relação com o contexto e circunstâncias da época, que foram importantes para a reforma de 1993 no país.

Neste caso, a reforma eleitoral de 1993 tem fortes relações com o contexto nacional que envolve circunstâncias como denúncias de corrupção, perda de força dos socialistas e novas correntes partidárias. O autor sintetiza em seu trabalho a

crise política e a evasão parlamentar como principais causas para a reforma política que levou a um sistema eleitoral misto na Itália no final do século XX. Já Ricci (2006) ainda ressalta autores que enfatizam fatores endógenos, movimentações partidárias que já buscavam uma renovação, já que propostas de reformas também eram incluídas em programas governistas, como também se seguiam a criação de comissões e comitês de estudo sobre o tema, embora o dissenso quanto ao acordo sobre matérias constitucionais tenha bloqueado as iniciativas reformistas, reservando ao parlamento a tarefa apenas de rever o sistema eleitoral.

Tal sistema eleitoral misto, adotado em 1993, envolve uma combinação entre voto majoritário para maioria das cadeiras parlamentares e uma pequena parte escolhida através de voto proporcional de listas fechadas formuladas pelos partidos, $\frac{3}{4}$ eleitos por voto majoritário e $\frac{1}{4}$ por voto proporcional. Esse sistema foi substituído em 2005 pela volta do sistema proporcional, agora de lista fechada (sem voto preferencial), mas que se combina com um bônus majoritário. Bônus majoritário é uma destinação de parte considerável de cadeiras parlamentares, neste caso 55% das cadeiras são destinadas para a coalizão pré-eleitoral que conseguisse mais votos. Em 2015 mais mudanças ocorreram, embora não tenham sido aplicadas em eleições gerais por causa de nova reforma eleitoral em 2017. Desta vez, lideradas pelo Partido Democrático e seu líder, o primeiro-ministro Matteo Renzi, as leis eleitorais continuam o método proporcional, porém modificando o sistema de bônus majoritário na câmara de deputados, agora reservando cadeiras para a lista partidária mais votada e não mais para a coalizão. Essa nova lei eleitoral compreendia a promessa de reintroduzir listas abertas, com mecanismos de proteção do primeiro político da lista. Todavia, em 2017 o parlamento aprovou novas mudanças eleitorais, estabelecendo um sistema misto sem diferenças entre câmara e senado: 37% dos assentos são eleitos por voto majoritário e 61% por voto proporcional de lista fechada, sendo 2% referentes aos 12 assentos na câmara e 6 no senado, eleitos por italianos morando fora do país. O novo sistema também estabelece cotas de gênero. Sendo assim, o eleitor por meio da cédula ganha a opção de votar na lista do partido ou votar separadamente em um candidato e na lista ligada a este candidato (PASSARELLI, 2018).

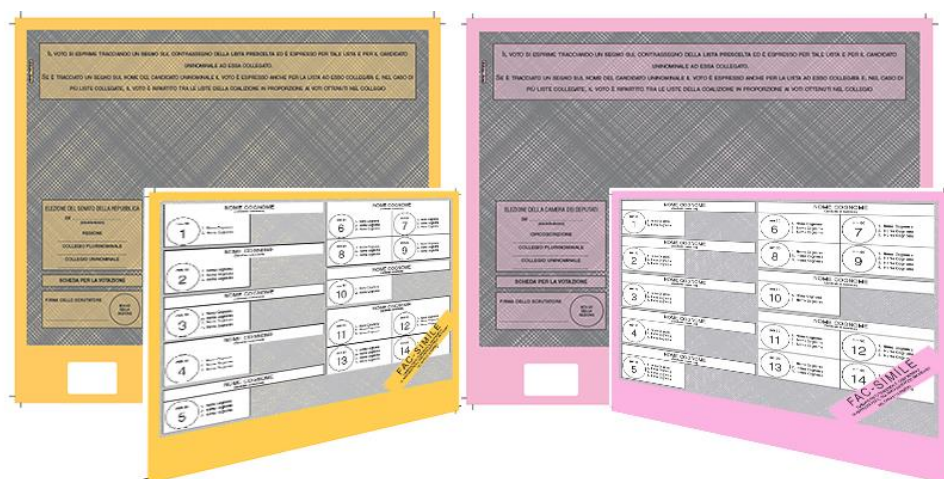


Figura 1 - Reprodução da cédula eleitoral usada em 2018

Fonte: Página do Ministério do Interior da Itália¹

De acordo com Passarelli (2018), o caso italiano revela que mudanças no sistema eleitoral por si só não são suficientes para mudar o sistema político. Dentro desse contexto geral de reformas, o contexto político italiano apresentou e apresenta até os dias atuais problemas com relação à instabilidade, fragmentação partidária, falta de suporte majoritário no parlamento e excesso de mudanças no governo, tendências que parecem caracterizar o sistema político da Itália. Isso parece ainda ter significativos efeitos no eleitorado que, dada a quantidade de mudanças, com o tempo sente frustração e descrédito em relação ao sistema, já que observa a diminuição no seu poder de afetar o sistema político, principalmente após a reforma de 2005 que instaura sistema proporcional com bônus majoritário e retira o voto preferencial. Esse aumento da distância entre representantes e representados parece ter aumentado a volatilidade política, levando ao aumento de abstenções eleitorais, ao fortalecimento de populismos e ao surgimento de novos partidos, como é o caso do populista “Movimento Cinco Estrelas”.

¹ Disponível em: <<https://www.interno.gov.it/it/notizie/elezioni-2018-fac-simile-schede-elettorali>>. Acesso em: 11 de maio de 2022.

3.3

HISTÓRIA DO MOVIMENTO ATÉ 2013 E BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DE SEU PAPEL NO PARLAMENTO

De acordo com D'Alimonte (2019), é ainda no começo da década de 1990 que a Itália começa a apresentar indícios de uma onda populista, quando surgem denúncias de esquemas de corrupção, gerando grande descontentamento da sociedade perante os partidos políticos. Neste cenário, a partir da criação de novos partidos, surge o Força Itália de Berlusconi, partido populista de centro-direita. Berlusconi se torna primeiro-ministro, tendo seu partido governado o país por quatro oportunidades e se tornando um dos maiores partidos italianos no final do século XX. Décadas depois, no campo da direita, o populismo de Berlusconi e da Força Itália parece ter sido superado por um populismo mais radical de direita incorporado pelo partido Liga Norte que, aliado ao Movimento 5 Estrelas para formar o novo governo, em 2018 se tornam os dois maiores partidos italianos tendo conquistado 50,3% do total de votos populares, formando pela primeira vez uma maioria populista no cenário político da Itália.

Essa nova onda populista na Itália, em que se inserem esses dois fenômenos políticos, reflete o aumento de distância entre a sociedade e os partidos políticos, estes se mostrando ao longo do tempo incapazes de satisfazer as demandas do eleitorado, principalmente em relação aos efeitos negativos da crise econômica provocada pela crise financeira internacional de 2008. Além da aproximação mais intensa da sociedade com o populismo, a rápida ascensão do M5S em 2013 (sua primeira participação eleitoral ao nível nacional) significou um abalo no bipolar sistema partidário, quebrando a alternância de anos entre duas grandes coalizões de centro-esquerda e centro-direita. Importante ressaltar que, ainda que ambos os fenômenos populistas coincidam em diversos temas de governo, como a postura crítica à União Europeia, posição contrária à entrada de imigrantes ilegais e a negação da política de austeridade com a retomada do crescimento econômico, são fenômenos políticos distintos que lidam de formas diferentes com a crise da representação. Enquanto a Liga se reserva às ambições políticas de retomada da soberania italiana, o M5S apresenta a utopia de uma revolução política que busca ressignificar o conceito de soberania popular e combater a influência das elites por

meio das ferramentas digitais como símbolo de democracia direta (D'ALIMONTE, 2019).

O Movimento 5 Estrelas apresenta como símbolo as cinco estrelas que representam o fornecimento de água, meio-ambiente, transporte público, desenvolvimento sustentável e energia renovável (ver figura 1). Em sua trajetória o Movimento se desenvolveu no sentido de se apresentar como algo totalmente diferente de qualquer experiência política anterior, reforçando ideais de uma renovação total da política. Para isso, apresentou características que buscavam negar estruturas organizacionais tradicionais de partidos, como o próprio rótulo de “partido”, a existência de liderança e outras estruturas partidárias.

A caracterização do partido como populista se dá por inúmeros aspectos, sendo facilmente identificados nos discursos de seu principal idealizador, Beppe Grillo. Dentre eles, se encontra a retórica que questiona a legitimidade do poder exercido por adversários políticos, caracterizando aqueles em exercício do poder como corruptos, desregrados e irresponsáveis, ao contrário dos envolvidos com o M5S e Grillo que seriam cidadãos honestos. Lembre-se que os alvos que formam o establishment não são apenas políticos, como também aqueles que controlam o poder econômico e de informação (TRONCONI, 2016, p.17).



Figura 2 - Logotipo atualizada do Movimento 5 Estrelas

Fonte: Página do M5S no Facebook².

Além disso, o populismo é também encontrado no alto grau de personalização na relação de identidade entre os apoiadores e Grillo, este que se apresentou na trajetória do partido como um homem comum, trabalhador e honesto, assim como os demais integrantes e apoiadores do partido em oposição às figuras complicadas da elite política. Neste sentido, Grillo e seu partido propuseram saídas fáceis a questões políticas, transformando problemas políticos complexos em problemas simples de fácil resolução, e ainda prometeram um novo espaço político mais aberto à sociedade em que Grillo e sua equipe apenas se colocariam como porta-vozes do povo. O M5S foi oficialmente criado em 2009, atingindo primeiro sucesso eleitoral em eleições locais e regionais, para posteriormente competir em escala nacional. O Movimento foi liderado pela figura polêmica de Beppe Grillo, um comediante que em seu percurso artístico começou a utilizar de forma ácida e polêmica assuntos ligados à realidade política, e nasce de seu blog criado em 2005, chamado de beppegrillo.it (TRONCONI, 2016).

A história de como Grillo construiu seu legado político começa no final do século XX, quando se tornou famoso comediante na Itália. No começo dos anos 1980, tornou-se uma das celebridades mais bem sucedidas na televisão italiana. Porém, acabou sendo expulso da televisão nacional como consequência de piadas ofensivas dirigidas ao partido socialista, acontecimento que parece ter tido forte efeito sobre sua trajetória política. A partir desse seu banimento, Grillo encontrou um caminho popular de ascensão por meio de pequenos shows, em que tinha contato com pequenas audiências. Foi nesse contexto, em um contato mais próximo com as pessoas, que começou com um repertório ideológico antissistema, criticando grandes corporações, a classe política, a imprensa, dentre outros que controlavam o poder político, econômico e social. Outro fato importante a ser mencionado, é que em seu passado atuou com o comediante francês Coluche, que se lançou na política concorrendo para a presidência na França em 1981, atacando o establishment com linguagem mais popular e vulgar. Coluche em sua candidatura ganhou apoio de alguns intelectuais como Pierre Bourdieu, Gilles Deleuze e Félix

² Disponível em: <<https://www.facebook.com/movimento5stelle/>>. Acesso em: 01 set. 2022.

Guattari. Contudo, o francês mesmo ganhando significativa parcela do eleitorado nacional, não levou à frente sua trajetória política (VIGNATI, 2016).

Avançando mais na história, foi exatamente em 26 de janeiro de 2005 que Grillo criou seu blog, plataforma que ganhou grande popularidade nacional. O blog começou a tratar de diversas pautas políticas, dentre elas: a trabalhista, defendendo os direitos dos trabalhadores em meio à crise de desemprego na época; relações internacionais, com a oposição à guerra no Iraque; e a ecológica, em prol do uso de matrizes energéticas renováveis. Com o passar do tempo, a figura de Grillo ganhou fama como porta-voz de interesses do cidadão comum, enquanto ele também começava a criticar as instituições mediadoras da sociedade. Aos poucos Grillo começou a mobilizar o tema da moralização da política, promovendo uma posição contrária à casta de políticos, através da bandeira quanto à necessidade de uma “limpeza do parlamento”. Gradualmente o blog se autonomizou, concentrando em si uma variedade de funções, como a formação de uma rede de informações que permitia o cidadão expressar suas opiniões. De acordo com Grillo, na época, o Blog era uma ferramenta de criação de uma nova forma de democracia mais participativa (VIGNATI, 2016).

Posteriormente, Grillo se aproximou da empresa de marketing digital de Gianroberto Casaleggio, empresário e entusiasta tecnológico, o qual foi a segunda figura mais importante do Movimento, atribuindo à internet o papel de mudança radical na sociedade. Tornaram-se parceiros não só em questões administrativas, como também ideológicas à frente do grupo político (VIGNATI, 2016). Se antes as pautas políticas lideradas por Grillo atraíam setores da esquerda, lembrando a defesa pela proteção de direitos trabalhistas e do meio ambiente, o grupo começou também a apresentar posturas ideológicas características da direita, como assuntos ligados a políticas contra imigração, sempre dizendo tratar todos os temas políticos com linguagem apolítica e apartidária.

O Movimento 5 Estrelas começou de forma online reunindo apoiadores e transformando-os em ativistas. Todavia, as estratégias claramente inspiradas no grupo americano “MoveON” se diferenciavam no caso italiano pelo modelo exclusivo e fechado de recrutamento, tendo como requisito de ingresso que o apoiador mandasse cópia de identidade para o grupo e declarasse não participar de outros grupos que tivessem objetivos contrários aos do M5S. Somente pessoas registradas no Blog tinham direito a participação dentro do grupo. O M5S também

se diferenciava do “MoveON” pela utopia de democracia direta, sendo a internet, como dizia Grillo e Casaleggio, ferramenta de “desintermediação” entre cidadãos e instituições, supostamente superando mediadores da democracia representativa como os partidos tradicionais (MOSCA, 2014).

Foi na segunda fase do Movimento, em 2007-2008, que o grupo começou a ganhar mais notoriedade através de protestos de rua, eventos apelidados de “V-Days” (Abreviação para diferentes símbolos: “Vaffanculo”, ofensa direcionada às elites; Vendetta, importante HQ; e o gesto de Winston Churchill em sinal de vitória). Os protestos serviram de forma a reforçar a identidade e os laços entre apoiadores, apontando como inimigos o establishment formado pelas elites. Depois do sucesso do “V-Day”, Grillo propôs uma lista que seria feita pelos apoiadores com nomes certificados por ele e sua equipe para participar de eleições locais. Decisão que conduziu o Movimento à arena política:

Através desse movimento, Grillo interceptou um fenômeno - o das listas civis - que esteve crescendo durante anos; uma expressão de separação dos partidos e a busca por redefinições da atividade política (Norris 2002), as listas civis modificaram significativamente as escolhas políticas oferecidas nas eleições administrativas. A relação entre Grillo e as listas civis é o principal nó em torno do qual várias interpretações sobre o M5S se viram. Aqueles observadores que destacam o papel do fundador do Movimento e sua habilidade de atrair o suporte de eleitores (portanto considerando as listas civis como mero apêndice do líder) definem o M5S como partido populista com liderança. Em contraste, aqueles que sublinham a formação ‘de baixo’ e a autonomia das listas civis (portanto aceitando a reivindicação de Grillo de ser um ‘megafone’ para as petições autônomas das listas) consideram o M5S um partido capaz de renovar profundamente a democracia e a participação. Na realidade, ambos aspectos se encontram no projeto original, apesar de - como nós defendemos na primeira seção - o aspecto de ‘liderança’ tenha até agora prevalecido (VIGNATI, 2016, p.44, tradução nossa).³

De acordo com Vignati (2016, p.44), Grillo impôs quatro requisitos na criação dessas listas a que chamou de “vírus de democracia participativa”:

³ No original: Through this move, Grillo Intercepted a phenomenon - that of the civic lists - which had been growing for several years; an expression of detachment from the parties and of the search for alternative settings in which to carry out political activity (Norris 2002), the civic lists significantly modified the political choices offered in administrative elections. The relationship between Grillo and the civic lists is the principal node around which the various interpretations of the M5S turn. Those observers who highlight the role of the Movement’s founder and his ability to attract the support of voters (hence considering the civic lists as mere local appendices of the leader) define the M5S as a populist and ‘leaderist’ party. By contrast, those who underline the formation ‘from below’ and the autonomy of the civic lists (hence accepting Grillo’s claim to be a ‘megaphone’ for their autonomous petitions) consider the M5S to be a party capable of profound democratic and participatory renewal. In reality, both of these aspects are to be found in the original political project, even though - as we claimed in the first section - the ‘leaderist’ aspect has so far prevailed.

candidatos não poderiam fazer parte de outros grupos políticos; não poderiam ter ficha suja (em relação a histórico criminal); não poderiam ter servido mais de um mandato eleitoral; e necessitavam residir dentro do município ou região em que seriam candidatos. E Grillo ainda colocou mais três exigências: candidatos deveriam renunciar caso não mais cumprissem os requisitos acima; a partir da lista deveria ser criado um blog para publicar os currículos dos candidatos online a fim de permitir críticas e opiniões dos cidadãos em relação aos membros da lista; e os candidatos da lista não poderiam se aliar com outros partidos ou listas sem autorização do blog de Grillo. O autor ainda ressalta sobre o desempenho das listas:

As listas, carregando variados nomes e símbolos - o mais comum sendo “Amici di Beppe Grillo” (Amigos de Beppe Grillo) - concorreram pela primeira vez nas eleições de Abril de 2008 em 17 municípios e no Conselho Regional da Sicília; suas porcentagens foram baixas mas encorajadoras. O blog (17 Abril 2008) expressou satisfação sobre os resultados, que foram atingidos “sem publicidade, sem fundos públicos e sem suporte de canais televisivos e dos jornais”, Essa referência a ausência de financiamento público e suporte televisivo ou de imprensa iria posteriormente se transformar em uma das marcas leitmotifs da diferença entre as listas ligadas à Grillo e os partidos políticos tradicionais (VIGNATI, 2016, p.45, tradução nossa).⁴

As listas sucessivamente obtiveram bons desempenhos nas eleições municipais e regionais. Vignati (2016, p.45) ainda menciona que em 8 de março de 2009 ocorreu o primeiro encontro das listas do Movimento em Florença. Grillo apresentou na ocasião os pontos principais do programa constantes na “Carta di Firenze”, objetivos ligados à ecologia e desenvolvimento sustentável. Esse, como outros encontros e episódios envolvendo Grillo, tomaram gradualmente maior espaço nas mídias tradicionais. Um episódio importante mencionado pelo autor diz respeito a uma rejeição do Partido Democrático à candidatura de Grillo pelo partido, em outubro de 2009, fazendo com que ele se colocasse como vítima do monopólio dos partidos políticos que rejeitaram sua participação, tal como alegava acontecer com o cidadão comum com sua participação rejeitada. Logo após isso nasce oficialmente o M5S, partido que em seu nascimento trazia consigo a retórica de ser

⁴ No original: The lists, bearing various names and symbols - the most common being “Amici di Beppe Grillo” (Friends of Beppe Grillo) - ran for the first time in the elections of April 2008 in 17 municipalities and the Sicilian Regional Council; their percentages were low but encouraging. The blog (17 April 2008) expressed satisfaction over the results, which had been achieved “without advertising, without public funds, and without support from television channels or newspapers”. This reference to the absence of public financing and television or press support would later become one of the leitmotifs marking the difference between the lists linked do Grillo and the traditional political parties.

o legítimo ocupante do poder, por representar os cidadãos italianos honestos em oposição a elite política.

Porém, o real ponto de virada na ascensão do Movimento 5 Estrelas foi as eleições de maio de 2012, quando o partido M5S elegeu quatro prefeitos e conseguiu mais de dez por cento de votos nas regiões ao norte. A partir desse período, o Movimento levou mais campanhas a praças e ruas, enquanto sua principal liderança, Beppe Grillo, se recusava a aparecer na televisão para manter coerência com seus ideais antissistema (MOSCA, 2014). Todavia, com o sucesso de mais candidaturas eleitas nos municípios, o Movimento enfrentou dificuldades, como lembra Vignati (2016), quanto à complexidade de se governar, o que acabou levando a dissidências e por conseguinte a expulsões autoritárias decretadas por Grillo, revelando pela primeira vez problemas em relação à utopia do M5S e à contradição do partido que negava o aspecto tradicional de liderança partidária.

O M5S ganhou ainda maior expressividade em 2013, quando elegeu 163 representantes para o Parlamento. Neste momento, desavenças e críticas internas passaram a ser resolvidas com mais frequência através de expulsão. Vignati (2016) defende que o momento seguinte ao sucesso nessas eleições gerais parece indicar maiores dificuldades encontradas pelos integrantes do grupo. Isso porque o desacordo entre alguns deputados do Movimento com as políticas da liderança do grupo, levaram a expulsões e o isolamento do M5S no parlamento prejudicou sua capacidade de garantir algum impacto no meio eleitoral. Disso decorrem resultados insatisfatórios em eleições posteriores a este momento:

Desde então, o apoio de eleitores manifestou sinais contrastantes. Enquanto as pesquisas de intenção de voto continuaram a atribuir uma parte de aproximadamente 20% ao M5S, o partido apresentou substantiva incapacidade de transformar esse apoio em uma identidade estável. De fato, as várias eleições regionais e administrativas realizadas desde as eleições gerais deram muitas vezes resultados decepcionantes. Exemplos podem ser vistos nas eleições regionais (Abril de 2013) em Friuli-Venezia Giulia (em que o M5S parou em 13.7 por cento e seu candidato 19.1 por cento), em maio de 2013 nas eleições administrativas (em que o M5S, mesmo que ganhando outra capital da província, Ragusa, obteve bem menos votos em geral do que nas eleições nacionais) (Corbetta and Vignati 2013a), nas eleições provinciais (Outubro de 2013) em Trentino-Alto Adige (em que o partido de Grillo ganhou apenas 5.8 por cento em Trento e 2.5 por cento em Bolzano), e nas eleições regionais (Fevereiro de 2014) em Sardinia (em que o M5S não conseguiu apresentar uma lista). O contraste entre o apoio a nível nacional (que explodiu nas eleições gerais e foi confirmada em pesquisas subsequentes) e a dificuldade do partido em enraizar-se a nível territorial, como manifestado pelas eleições locais, revela a dependência duradoura do M5S de seu líder Beppe Grillo (VIGNATI, 2016, p.47, tradução nossa).⁵

⁵ No original: Since then, voter support has manifested contrasting signals. While the opinion polls of people's intention to vote have continued to attribute a share of around 20

O que Vignati (2016) argumenta é que a presença da liderança de Grillo na trajetória de ascensão do Movimento é incontestável, pois ele soube explorar o carisma em suas performances ao aglutinar diversos grupos em torno de interesses comuns. Entretanto, a dependência do grupo em relação a Grillo, revelada pelos efeitos da entrada no Parlamento, demonstra a incapacidade do M5S de agir de acordo com estratégias coletivas, não alcançando coesão como força política. A questão principal levantada pelo autor está na incapacidade do Movimento, dado o contexto analisado até 2015, em transformar essa enorme mobilização em incisiva ação política dentro da arena parlamentar, e a dúvida quanto à sobrevivência do partido a longo prazo. A dissociação entre o partido e o blog de Grillo ocorreu em 2018, indicando o afastamento do antigo líder do Movimento, segundo Giuffrida (2018)⁶.

O contexto recente demonstra como após a rápida ascensão do M5S parece ocorrer um declínio do partido. É verdade que em 2018 veio a se tornar o maior partido da Itália, e nas eleições gerais garantiu 32.7% dos votos e 227 assentos na câmara de deputados, formando o governo aliado à Liga Norte de Matteo Salvini e a Giuseppe Conte como primeiro-ministro. Todavia, um ano depois perdeu o apoio de Salvini, por conflito de interesses entre Conte e Salvini. A maioria de Conte caiu em janeiro de 2021. Após o acontecido, o M5S apoiou Mario Draghi na formação de um novo governo nacional em que apenas o partido de direita radical “Irmãos de Itália” (Fratelli d’Italia) se recusou a ingressar. A passagem do M5S de partido antissistema para protagonista do establishment parece ter afetado o desempenho eleitoral do partido, já que pesquisas mostram o seu recente declínio. Pesquisas

per cent to the M5S, the party has displayed a substantial incapacity to transform this support into a stable identity. Indeed, the various regional and administrative elections held since the general election have often yielded disappointing results. Examples can be seen in the regional elections (April 2013) in Friuli-Venezia Giulia (in which the M5S stopped at 13.7 per cent and its candidate at 19.1 per cent), in the May 2013 administrative elections (in which the M5S, though winning another provincial capital, Ragusa, obtained far fewer votes across the board than in the general election) (Corbetta and Vignatti 2013a), in the provincial elections (October 2013) in Trentino-Alto Adige (in which Grillo’s party won only 5.8 per cent in Trento and 2.5 per cent in Bolzano), and in the regional elections (February 2014) in Sardinia (in which the M5S did not manage to present a list). The contrast between support at the national level (which boomed in the general election and has been confirmed by subsequent surveys) and the difficulty (or at last the slowness) of the party in putting down firm roots at the territorial level, as manifested by local elections, reveal the lasting dependence of the M5S on its leader Beppe Grillo.

⁶ Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/jan/24/beppe-grillo-steps-aside-from-italys-five-star-movement> Acesso em: 25 fevereiro 2023.

recentes de intenção de voto indicam a queda de 32.7% para 10.6% de 2018 até 2022. O Movimento foi ultrapassado pela Liga Norte, Democratas, Irmãos de Itália e apenas sustentou baixa margem nas pesquisas acima da antiga Força Itália de Berlusconi (MJ BULL, 2022). Competindo sozinho nas eleições de 2022, o Movimento teve queda para 15,4% dos votos na câmara de deputados, atrás do Partido dos Democratas, com 19,1%, e do Irmãos de Itália, com 26%. Vale ressaltar que o Irmãos de Itália liderou a coalizão de centro-direita, concentrando 43,8% dos votos, levando sua liderança, Giorgia Meloni, para o cargo de primeira-ministra (FELLA, 2022).

Mosca (2014) apresenta duas razões para sua rápida ascensão. A primeira é a dificuldade política em levar a cabo reformas políticas e os escândalos de corrupção em todos os partidos políticos, ou seja, razão ligada às circunstâncias. A segunda decorre da habilidade do movimento de preencher um espaço vazio na arena política, apresentando-se como algo diferente de tudo quanto à conjuntura política dos partidos da época. Isso foi feito principalmente através da efetividade de campanhas políticas que juntaram aspectos antigos com novos, o baixo orçamento necessário para campanha em redes digitais, a habilidade de Grillo de ocupar espaços físicos e virtuais, como também a criação de eventos extremamente atrativos para as mídias convencionais. Outro fator que também teve grande efeito foi o posicionamento político atraindo setores de esquerda e direita, como também a já mencionada simplificação de problemas.

O M5S apresentou um grande diferencial face a outros grupos antissistema por meio do uso da internet como ferramenta de organização, ênfase na democracia participativa e posição política para além de esquerda/direita, apenas se assemelhando nestes aspectos ao “The Piratean Partei”, grupo formado em setembro de 2006 em Berlim. No entanto, este último não era baseado em liderança carismática e tomada de decisão hierárquica. Outros movimentos se diferenciam ao M5S ao se posicionarem de forma melhor definida como de esquerda ou direita, sendo a retórica antissistema e a crítica à união monetária europeia similares entre todos os movimentos antissistema como Golden Dawn (Grécia), UKIP (Inglaterra), SYRIZA (Grécia), e o próprio M5S (MOSCA, 2014).

3.4

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO PARTIDO M5S

Na apresentação do livro organizado por Humberto Dantas (2018), sobre a temática da governabilidade, o autor, à luz de acontecimentos recentes no contexto brasileiro, complexifica o tema que antes se apoiava nas relações entre o Legislativo e o Executivo. Isso porque ocorreu na última década, no Brasil, uma intensificação do ativismo de organizações de justiça em relação à luta contra a corrupção, motivada em grande medida por escândalos de corrupção investigados e associados por significativa parte da opinião pública à esquerda. E ainda, a partir da jornada de manifestações de junho de 2013, o campo da direita parece ter se reorganizado na direção da ocupação de espaços de ativismo antes monopolizados pela esquerda e incorporado um processo mais amplo de iniciativa política por parte da sociedade. Levando em consideração esses dois aspectos, o autor recorre à metáfora do fogão comparando um de duas bocas em contraste a outro de quatro, aumentando consequentemente os resultados possíveis com a presença do Judiciário e da sociedade mais ativos. O mais interessante desta metáfora utilizada é o papel que tiveram na última década as redes sociais que, embora não tenham tomado o lugar expressivo das mídias tradicionais, formam com esta última o “forno” que esquentava todo o equipamento de “quatro bocas”.

Essas ferramentas digitais parecem não só impactar o processo eleitoral, como também a organização do trabalho político como um todo. O caso específico do Movimento 5 Estrelas na Itália demonstra um interessante objeto de estudo por ser um fenômeno a ter tais ferramentas como parte constitutiva de sua trajetória de organização. Além disso, o M5S talvez possa ser mencionado como um dos primeiros casos de fenômenos políticos em democracias ocidentais a incorporar as redes digitais na prática de política, colocando a Itália novamente como importante cenário de experimentações políticas na história moderna, como bem lembra Empoli (2019).

Bailo (2017, p.76), preocupado em descrever o M5S através dos cidadãos-usuários (empoderados pelas ferramentas digitais), entende o Movimento 5 Estrelas de uma forma abrangente, não totalmente como um partido político e nem inteiramente como movimento digital. Seria um fenômeno que pode ser descrito

tanto através de movimentos de protesto, dentro de uma base antiglobalização, quanto através de características populistas, notadamente com forte presença carismática. Essa variedade de características atribuídas ao movimento apontam para o caráter multifacetado do fenômeno, indicando que sua relevância vai para além do contexto italiano. Entende o Movimento através de características baseadas em 4 dimensões: rejeição à clivagem política entre direita e esquerda, atraindo eleitorado de ambos os lados; organização diferente dos tradicionais partidos políticos com menor definição hierárquica, mais plástico e adaptável as circunstâncias; radical oposição a formas tradicionais de representação, priorizando ideias de mecanismos mais participativos facilitados pela internet; e a internet como ferramenta de organização e como também símbolo da essência da democracia (liberdade de expressão, transparência e igualdade).

A força da base partidária dentro do M5S reproduz uma interessante lógica de exceção entre os partidos por ter sido capaz, com grande eficiência, de aglutinar grupos locais que se tornaram posteriormente militantes do partido, coisa que os partidos tradicionais têm tido dificuldade de fazer nas últimas décadas. O partido-movimento foi capaz de envolver os cidadãos em um papel mais participativo na política. Isso se deu particularmente pela incorporação das redes sociais, mas não só isso, tendo em vista que o Movimento foi capaz de mesclar estratégias online e offline de organização (LANZONE, TRONCONI, 2016).

A forma com que essa incorporação das ferramentas digitais integram a trajetória do Movimento traz à tona um importante processo: o da criação de grupos dentro da plataforma “Meetup”, que garantiu mais identidade a coletividade como organização e construiu a fundação sobre a qual se desenvolveu a estrutura organizacional do M5S. Os grupos do Movimento dentro dessa rede social fizeram parte de um processo de intensa difusão que, mesmo garantindo o sucesso da estratégia de multiplicar e democratizar esse “espaço” de debate, ainda tinha como guia o blog de Grillo, já que sempre era usado como base de referência para os ideais do partido. Nesse contexto, a plataforma “Meetup” se tornou o primeiro espaço de recrutamento de ativistas antes mesmo do M5S ser oficialmente criado (LANZONE, TRONCONI, 2016).

A partir desses grupos, na plataforma social mencionada, criam-se comunidades na vida real em que os integrantes passam a se relacionar em atividades locais. Tais atividades inicialmente consistiam em reuniões informativas

sobre os ideais do Movimento e a criação de pequenas associações residenciais com objetivos específicos. Foi apenas a partir dos eventos de protesto V-Days (já citados) que os objetivos se tornaram mais amplos, recorrendo ao recolhimento de assinaturas sobre demandas políticas. O M5S surge dessa mistura entre espaço digital e físico, garantindo que não se desenvolvessem estruturas hierárquicas e sim outras mais horizontais (LANZONE, TRONCONI, 2016).

De acordo com Vignati (2015), o partido se apoiou na ideia de que, graças à internet, o lugar reservado de participação ao eleitorado associado aos partidos políticos estaria obsoleto, já que o M5S acreditava que as redes digitais contribuíram para a erosão das estruturas mediadoras na política, garantindo à população poder de decisão como em uma democracia direta. Isso é bem demonstrado pelo estatuto do partido de 2009, diferenciando o Movimento de outros partidos tidos como de tipo personalista ou carismático, porque até mesmo outros partidos populistas na Itália, como Liga Norte e Força Itália, apresentam em seus estatutos características de partidos tradicionais, como estruturas hierárquicas de administração e assembleias de decisão sobre a formação dessas estruturas.

O autor menciona o estatuto do M5S de 2009 contendo apenas 7 artigos, um documento relativamente pequeno. Tais artigos são: a definição do Movimento como uma “não-associação”; a caracterização do Movimento como plataforma e veículo de debate e consulta com sede no blog beppegrillo.it; Beppe Grillo como dono do símbolo e nome do Movimento, que são registrados em seu nome; a funcionalidade do M5S sendo a atribuição a todos os usuários da internet o papel de direcionamento da política de governo, proporcionando de forma eficaz a troca de opiniões e iniciativa de debates fora do círculo tradicional de estruturas tradicionais de representação; livre ingresso no Movimento de todos os cidadãos italianos que atingirem maioria, tendo como requisitos de aplicação (realizada online) ao ingresso não participar de outros partidos políticos ou associações que tenham objetivos distintos do M5S; ainda a ausência de taxas de ingresso (embora exista contribuição voluntária); e por fim a centralidade do Movimento quanto à organização e preparação das candidaturas nas eleições.

Tal estatuto é entendido por Vignati (2015) como uma provocação, já que não estabelece diretrizes claras de organização, antes trazendo critérios muito subjetivos de atuação do grupo. Por vezes, é possível observar a incrível centralidade na equipe diretora durante os primeiros dez anos. Durante muito tempo

a equipe foi composta por Grillo e Casaleggio com o restante pouco definido. O que se sabe, é que além dos dois líderes, existiu uma pequena equipe de assistentes:

O 'party in central office', em adição aos dois líderes e suas pequenas equipes de assistentes, também compreende os chamados Gruppo comunicazione (grupos de comunicação), que foram criados para apoiar as atividades dos grupos parlamentares. A existência e o modus operandi desse grupo não causaram poucos problemas, levantados principalmente por alguns membros do parlamento desde que foram expulsos do Movimento (VIGNATI, 2016, p.61, tradução nossa)⁷.

De fato, o que se argumenta sobre essa equipe é a centralidade expressa muitas vezes por tomadas de decisões arbitrárias por parte da equipe de Grillo, apoiadas em critérios subjetivos, como a expulsão de parlamentares, por apresentarem divergências ideológicas e políticas. Alguns membros foram expulsos por terem levantado questionamentos em relação a aspectos administrativos dentro do grupo. Neste sentido, o M5S apareceu como partido ligado principalmente ao carisma de Beppe Grillo que, sem deixar de lado a personalidade de comediante e de político, induziu uma relação de dependência que em certo sentido pode ter garantido a estabilidade e identidade do Movimento, determinando as regras do uso do nome e símbolo do M5S.

É importante mencionar também a autonomia ao nível local. No começo, a equipe diretora até reunia integrantes para reuniões de debate sobre os princípios levantados por temas como meio-ambiente e desenvolvimento sustentável, porém posteriormente esses eventos foram sendo deixados de lado. Desta maneira, desenvolveu-se uma rede descentralizada com certa autonomia nas instâncias locais: a base de apoiadores recorria mais a representantes eleitos, que pouco entravam em contato com a equipe diretora. Tendo em vista essa autonomização dentro do Movimento, que tornou centrais os representantes eleitos do M5S, Vignati (2016) busca identificar de forma mais profunda a relação existente entre a liderança do grupo e esses representantes, estes que ficam pressionados entre a base do partido e a equipe de Grillo capaz de tomar decisões arbitrárias direcionadas aos membros eleitos.

⁷ No original: The 'party in central office', in addition to the two leaders and their small staff of assistants, also comprises the so-called Gruppo comunicazione (Communication group), which was created to support the activities of the parliamentary groups. The existence and modus operandi of this group have caused not a few problems, raised principally by some MPs who have since been expelled from the Movement.

A dependência dos representantes eleitos em relação à base partidária é bem ilustrada por assembleias periódicas, em que tais representantes poderiam renunciar ou renovar seus mandatos, além de estarem sujeitos a acusações. Tem como objetivo colocar a própria base partidária para discutir sobre seus representantes. Se o processo de estar continuamente sujeito ao julgamento da base é algo reconhecido por todos, há certo medo dos representantes em se submeter a esse processo, temendo por indicações que não sejam comprometidas com uma análise criteriosa das questões envolvidas. Há ainda a questão de se realmente há um debate aberto entre diferentes lados, já que se observa nos vídeos dessas assembleias resultados que não parecem terem sido produzidos pelo confronto no debate, e sim terem sido pré-produzidos. Não há uma definição sobre a organização, convocação ou real poder dessas assembleias (VIGNATI, 2016):

O problema com essas ‘assembleias’ desse tipo é a falta de qualquer definição de suas composições, modalidades de convocação ou real poderes. [...] O M5S é, ao mesmo tempo, e paradoxalmente, caracterizado por um obsessivo culto às regras - que são invocadas sempre que o Movimento é chamado para tomar algum tipo de escolha - e por uma informalidade totalmente refratária às regras (VIGNATI, 2016, p.73, tradução nossa)⁸.

Esse fator de convocação de assembleias ilustra bem um fato que torna os integrantes eleitos do partido mais fracos e dependentes do poder central da equipe formada por Grillo. Isso se dá por três razões, em primeiro lugar, os representantes dentro do M5S são outsiders, pessoas empoderadas através de poucos recursos pessoais. Em segundo lugar, por causa de uma limitação (não codificada no estatuto de 2009) de dois mandatos aos representantes eleitos para o Parlamento. Lembre-se ainda que há represálias caso os integrantes eleitos passem a agir de forma mais independente. E em terceiro lugar, o risco de os representantes perderem o direito de uso do nome e símbolo do partido retirados pela liderança de Grillo ou por apelos plebiscitários da base, já que Grillo utilizou em grande medida apelo às bases para enfraquecer indivíduos dentro do Movimento e evitar que se tornassem mais autônomos. Neste contexto, os representantes eleitos dependem da base ao mesmo

⁸ No original: The problem with ‘assemblies’ of this kind is the lack of any definition of their composition, modality of convocation or real powers. [...] The M5S is, at one and the same time, and paradoxically, characterized by an obsessive cult of the rules - which are invoked whenever the Movement is called upon to make any sort of choice - and by an informality that is refractory to rules.

tempo que se encontram condicionados pela liderança do partido (VIGNATI, 2016).

A trajetória do Movimento na sua primeira década aponta para a clara dificuldade de condensar os diferentes interesses e objetivos em ações e direções coletivas. Grillo sempre reforçou ao longo desse processo o seu papel de “megafone” dos variados interesses, buscando não interferir nas políticas locais, mas se tornou fundamental elemento sem o qual o grupo perderia força. O seu apelo carismático e a forma de enfrentamento de problemas, quanto a dissensos dentro do grupo, parece indicar a prioridade de uma união baseada em sua própria personalidade e nos subjetivos ideais do Movimento, tornando problemática a ideia do “megafone” que não sustenta mecanismos que tornam a pluralidade uma força coesa (VIGNATI, 2016).

O CASO BOLSONARO

4.1

INTRODUÇÃO

Em 2018, Jair Messias Bolsonaro protagonizou uma campanha que marcou a história da democracia brasileira. Levando em consideração que o então candidato já vinha participando de programas sensacionalistas, sempre levantando diferentes polêmicas, foi no ano de 2018 que suas estratégias, pensadas inicialmente ou não, surpreendem pela rápida ascensão na corrida eleitoral, sendo marcadas pelo uso de fake news, deslegitimação de adversários e teorias da conspiração. Bolsonaro soube aproveitar estruturas de organização de direita que foram criadas ou se fortaleceram após as jornadas de manifestações de 2013⁹, como também foi capaz de atrair o eleitorado que anos antes começou a acompanhar de forma mais assídua o mundo político pelas mídias tradicionais e pelo maior acesso às redes sociais.

Longe de buscar descrever todos os aspectos ligados à vitória eleitoral de Bolsonaro em 2018, pretende-se no presente trabalho levantar questões que aparecem em artigos e livros sobre o tema e que temos considerado pertinentes¹⁰. Vale ressaltar que este trabalho apresenta uma análise parcial do fenômeno político que não só saiu vitorioso com Jair Bolsonaro eleito presidente, como também carregou uma base de aliados do candidato para outros cargos de poder.

Os aspectos fundamentais levados em consideração, após pesquisa bibliográfica, podem ser categorizados em três frentes principais: a contextualização política que antecedeu a grande ascensão do fenômeno; a descrição da rápida ascensão de Bolsonaro e o surgimento do bolsonarismo; e a estrutura de campanha do então candidato em 2018.

⁹Segundo Rocha (2021, p.146), a partir desse momento a nova direita emergente percebeu sua capacidade de mobilização de protestos, que ficou clara após a reeleição de Dilma Rousseff em 2014, evento fundamental para a consolidação dessa nova direita como força política.

¹⁰ Em relação a textos de autores tais como: Vieira (2018); Rocha (2018); Nicolau (2020); Almeida (2019); Barbosa e Casarões (2022); Cesarino (2022); D'Araujo (2021).

Quanto à contextualização política, buscou-se, neste capítulo, enfatizar fatores da evolução do contexto político após os governos eleitos dos Partidos dos Trabalhadores (PT), demonstrando que tais fatores tiveram efeitos significativos não só sobre os acontecimentos no ano de 2018, como também sobre o próprio sistema político em vigor desde a redemocratização no país. Após feito esse panorama sobre a contextualização pré-2018, foi feito o esforço de aprofundar a rápida ascensão de Bolsonaro, que levou a um movimento denominado frequentemente pela esfera pública e acadêmica de bolsonarismo. Pela perspectiva aqui abordada, o bolsonarismo está inserido em um movimento mais amplo de ascensão de fenômenos populistas pelo mundo, em vários casos de extrema direita, possuindo por vezes semelhantes bases ideológicas e estratégias de ação. Além disso, procurou-se, ao final do capítulo, esboçar aspectos levantados pela literatura em relação à estrutura de campanha de Jair Bolsonaro em 2018, levando em consideração fatores como: relações com a reorganização recente de uma nova direita no Brasil, escolha do partido para competir no pleito, breves noções sobre a estrutura financeira e comunicativa do então candidato em 2018, e também a digitalização da campanha, essencial para seu sucesso.

É importante mencionar que a presente pesquisa foi iniciada em 2022, após quase todo o mandato de Jair Bolsonaro ter sido cumprido, tomando os acontecimentos ocorridos em seu governo e o relatório produzido pelo Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo (LAUT) como indicativos que o bolsonarismo e o governo eleito de Jair Bolsonaro tiveram efeitos significativos sobre a democracia brasileira, que sinalizaram a intensificação do fenômeno de erosão democrática no país. Independentemente de não ter tido no Brasil qualquer ruptura institucional desde a Constituição de 1988, o relatório mostra como o governo Bolsonaro levou à frente um projeto autoritário em nome da proteção da sociedade, expressa por uma série de ataques às instituições democráticas brasileiras (BRITO, A. S., et al., 2020).

O perigo da expansão da autocratização é descrito no relatório pelo título: “O caminho da autocracia: estratégias atuais de erosão democrática”, que demonstra a piora qualitativa de democracias ao redor do mundo por causa de líderes autoritários eleitos, e chama a atenção pela forma recente que países se aprofundaram nesse processo por meio da recondução de autocratas ao governo através das eleições. No caso brasileiro, é perceptível o grau de declínio

democrático durante os anos de governo Bolsonaro. Foram mapeadas pelo relatório citado diversos atos e estratégias desse governo como exemplos de inclinação autoritária. Comparado a casos em que o processo de autocratização se aprofundou por meio da recondução de líderes autoritários no poder, o relatório alerta para a possível semelhança com Bolsonaro caso ganhasse as eleições em 2022 (BRITO, A. S., et al., 2020).

Dado a preocupação exposta com os rumos tomados pela política brasileira nos últimos anos, vale realçar também que, mesmo após a derrota de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2022, os efeitos do bolsonarismo continuam a afetar a qualidade democrática do país. Fato ilustrativo disso foi a invasão de grupos pertencentes ao bolsonarismo radical à Praça dos Três Poderes, em 8 de janeiro de 2023, um domingo, poucos dias após a posse do novo presidente, e a viagem de Bolsonaro para os Estados Unidos (possivelmente por se recusar a passar a faixa presidencial ao sucessor no cargo). Na ocasião, tais grupos se mobilizaram e acabaram destruindo parcialmente as instalações dos prédios do Congresso Nacional, do Supremo Tribunal Federal e do Palácio do Planalto, danificando de forma assustadora o patrimônio público. A motivação do ataque foi a acusação de fraude eleitoral, que mobilizou diversos apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro a acampar na frente de quartéis por todo o Brasil no intuito de exigir intervenção no processo democrático eleitoral e barrar a posse do sucessor eleito. Não terem sido atendidos, promoveram esse fatídico episódio que suscitou muitas dúvidas referentes à leniência dos setores de defesa do Distrito Federal e das Forças Armadas em relação aos invasores¹¹.

De acordo com artigo de opinião de Rodrigo Nunes (2023)¹², na Folha de S. Paulo, tal episódio golpista não foi uma surpresa. Bolsonaro já antes das eleições preocupava a opinião pública por não deixar explícito que aceitaria os resultados das eleições caso seu adversário saísse vitorioso. Desta forma, já antes da invasão se desenhava a possível existência de um episódio similar à invasão do Capitólio nos Estados Unidos, ocorrido em 6 de janeiro de 2021. Todavia, diferente da invasão em solo estadunidense, a invasão brasileira foi realizada após o anúncio do

¹¹ Disponível em: <https://nuso.org/articulo/Brasil-golpe-bolsonarismo/>. Acesso em: 01 fevereiro 2023.

¹² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2023/01/ataque-golpista-em-brasilia-e-sinal-de-forca-e-fraqueza-do-bolsonarismo.shtml>. Acesso em: 01 fevereiro 2023.

resultado eleitoral, da diplomação e mesmo da posse do sucessor. Assim, a invasão refletiu um sistema altamente capilarizado em redes sociais do bolsonarismo, que construíram uma espécie de realidade paralela, interpretando mensagens compartilhadas, verdadeiras ou não, a partir do radicalismo dos grupos, e também refletiu possíveis efeitos de um aparelhamento em cargos públicos de aliados do ex-presidente Bolsonaro. Mesmo que o radicalismo bolsonarista tenha demonstrado atitude bárbara em 8 de janeiro, afastando diferentes interlocutores, dado o custo político mais elevado após o episódio, demonstrou a sobrevivência do fenômeno que revelou expressiva adesão e comprometimento com conteúdos recebidos pelas redes. Tal fato manifestou a continuidade do radicalismo de extrema direita à espera de Jair Bolsonaro ou de novos líderes que aproveitem tal capital político. A invasão à Esplanada dos três poderes, de acordo com Rodrigo Nunes (2023), mais do que fortalecer o lado extremista do bolsonarismo e a continuidade do fenômeno, coloca questões sobre Bolsonaro ser menos causa do que sintoma.

4.2

CONTEXTUALIZAÇÃO POLÍTICA DAS ELEIÇÕES DE 2018 NO BRASIL

Ao estudar o fenômeno do bolsonarismo, torna-se necessário compreender não somente a conjuntura em que se deu a rápida ascensão de Bolsonaro nas eleições à Presidência da República em 2018, como também ter em mente a caracterização da realidade política brasileira de forte tradição autoritária. O bolsonarismo, fenômeno que incorporou nos tempos atuais a retomada autoritária no país, é o reflexo de um processo político complexo que envolve um passado histórico, um processo societário de crescente frustração e uma guinada ideológica nos comportamentos políticos de parte da sociedade. Bolsonaro aparece se encaixando nesse cenário, ganhando apelido de “mito” ao ser depositada em sua figura as esperanças e anseios de seu eleitorado que estabelece conexão direta com o político de forte viés populista, autoritário e religioso (D’ARAUJO, 2021).

A tradição autoritária do sistema político brasileiro é explorada por diferentes autores importantes da teoria social brasileira, demonstrando uma trajetória nacional de lento desenvolvimento dos direitos políticos e baixo incentivo

à participação política. Carvalho (1991) explica o desenvolvimento político brasileiro como sendo um movimento de cima para baixo. Aborda como, ao longo da história do país, direitos políticos e civis foram desenvolvidos de forma lenta somente após os direitos sociais, estes últimos concedidos paternalisticamente. Neste sentido, enfatiza como o cidadão nesse contexto parece se colocar de fora do Estado. Já Santos (1993), ao explorar as relações entre sociedade e Estado até o século XX, caracteriza a realidade brasileira a partir da ineficácia de regulações e leis, expressa no comportamento dos indivíduos. A causa para tais dificuldades governamentais se configura como um dilema do governo que paira entre um Estado excessivamente regulador do ponto de vista formal e uma sociedade de indivíduos antiestado ou mesmo estatossfóbicos. Desta forma, conclui-se que o desenvolvimento brasileiro foi marcado por um Estado altamente regulatório, pela dificuldade desse Estado em atender a maior parte da população.

Weffort (1978) reforça essa baixa participação popular ao longo da história no país. O autor relata como as massas permaneceram alheias ao jogo político ao longo da história brasileira, sendo fato constatado a partir de eventos de importância histórica nacional em que a participação popular se fez ausente, como no golpe militar de 1964. O autor defende que isso relaciona-se com a ausência de partidos eficientes no Brasil, e a partir dessa carência alega que a ampliação do sufrágio transformou a política em uma “relação entre indivíduos”. Essa manifestação individualizada e desorganizada, fruto, em grande parte, da baixa capacidade de penetração dos partidos políticos na população em geral, se associa a aspectos brasileiros como ausência de impessoalidade na política e excesso de hiperatividade do Executivo, resultando em uma distância cada vez maior entre as massas e as classes políticas.

Feito esse breve panorama, já clássico, sobre a tradição autoritária brasileira, é importante ressaltar o processo de crescente frustração associado ao protagonismo do PT (Partido dos Trabalhadores), partido eleito democraticamente em 2002 e que refletiu os anseios de um Estado com mais espaços de participação popular. D’Araujo (2021) cita como diferentes autores caracterizaram o começo do PT: de um lado, autores que ressaltaram o forte incentivo à participação popular e operária, a partir de políticas públicas de ampliação de participação social, e, por outro, autores que enfatizaram os vínculos com o Estado e afastamento de suas bases sociais. De qualquer forma, pode ser atribuído ao governo petista o caráter ambíguo

de fortes vínculos estatais, mantendo controle sindical através da CUT (Central Única dos Trabalhadores), e comunicação com movimentos sociais. O PT, de acordo com a autora, buscou reforçar o objetivo de combate à pobreza e iniciativas de ampliar a participação, porém sem criar bases duradouras de sustentação nesse sentido. Sua queda do poder ocorreu em 2016 com o impeachment da presidente eleita Dilma Rousseff e, posteriormente, com a derrota eleitoral de 2018.

Os anos de governo petista (2003 a 2016) remetem a variadas argumentações em torno da agenda social petista e do embate político das elites dissidentes pela tomada do poder. A existência de uma forte oposição a políticas de combate à pobreza e às desigualdades por parte de diferentes partidos e classes sociais, foi acrescida pelo fracassado manejo da crise econômica mundial de 2008. Some-se a isso que o autoritarismo brasileiro em muitas perspectivas foi subestimado (D'ARAUJO, 2021).

Seguindo essa perspectiva, a intensificação do autoritarismo com a oferta de um líder populista autoritário em 2018, como também as manifestações contrárias de atores políticos e setores da sociedade face à ampliação de acesso de direitos à população marginalizada, tem como principal causa uma estrutura autoritária como uma constante, que pautou e ainda pauta a história política no Brasil, estrutura esta que os governos petistas não desmontaram em seus anos no poder (D'ARAUJO, 2021). Segundo Doria (2020, p.184), à luz do passado autoritário, a democracia brasileira esteve sempre sob ameaça. Observa-se em períodos de instabilidades na história nacional o anseio explícito da população por um líder que imponha ordem, levando em diferentes momentos ao rompimento com o sistema pré-estabelecido. Todavia, diferente de movimentos políticos autoritários disruptivos que já aconteceram no país, como o Estado Novo e o golpe de 1964, em 2018 foi a primeira vez que esse processo se dá, no Brasil, por meios eleitorais, assinalando que democracias em processo de estabilização podem se autodestruir.

Levitsky e Ziblatt (2018), em livro intitulado de “Como as democracias morrem”, abordam como as democracias correm constante risco não apenas por golpes militares e armados, mas também por fenômenos políticos que surgem de dentro, por meios eleitorais. Isso se dá muitas vezes com a complacência de partidos e políticos, que interpretam como oportunidade o apoio a extremistas com forte apelo popular, priorizando seus interesses. Os autores explicam que a sobrevivência de democracias não depende apenas das normas institucionais, mas também de

regras implícitas que dizem respeito ao espírito democrático, sendo a existência de tolerância mútua e a contenção necessárias entre os partidos e políticos. A tolerância diz respeito à consideração de um adversário político como legítimo candidato, e a contenção reflete o comedimento no uso das instituições em favor próprio quando determinado ator ou atores estejam no poder (LEVITSKY, ZIBLATT, 2018, p.20).

Neste sentido, o enfraquecimento dessas normas é considerado pelos autores como uma das causas importantes para o enfraquecimento de democracias, e fazem parte de um processo gradual que tem como um dos sintomas a eleição de líderes extremistas. Apontam, ainda, os partidos como fundamentais na percepção de sinais de ascensão de extremistas, demagogos e autoritários, tendo os meios para deixá-los à margem do poder (LEVITSKY, ZIBLATT, p.31). Desta forma, cabe, aos representantes políticos, a responsabilidade na manutenção da democracia, evitando que extremistas que possam subverter as condições democráticas, em detrimento próprio, acendam politicamente (LEVITSKY, ZIBLATT, 2018, p.18).

A estrutura autoritária, que permeia a história política brasileira, como também a possibilidade de erosão democrática por vias eleitorais, podem ser pensados como base para o contexto político que contribuiu para grandes mobilizações contra o establishment que se seguiram às jornadas de 2013, o processo de impeachment de Dilma Rousseff, bem como a conquista de votos de políticos em corridas eleitorais através da mobilização de pautas morais, comportamentais e religiosas, que ajudaram Jair Bolsonaro a ganhar as eleições presidenciais de 2018. Neste sentido, a vitória eleitoral de Bolsonaro parece significar mais uma retomada autoritária e conservadora do que um surpreendente surgimento dessas características ligadas ao candidato em questão (HATZIKIDI, DULLO 2021).

Vale ressaltar que o cenário em que o PT assumiu o poder em 2003 era completamente distinto da década de 2010. Como mencionado, havia uma esperança difundida na população de avanços democráticos sólidos que se traduziam nas vitórias eleitorais do partido para Presidência face a seu principal opositor: o PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). Com escândalos de corrupção, dificuldade do governo em atender a demandas da população, e o andamento de gastos elevados com megaeventos sediados no país ao mesmo tempo, aumentou a sensação de frustração na sociedade brasileira, que externava cada vez

mais a insatisfação com o ritmo dos avanços sociais e intensificação de oposição aos governos do PT.

Vieira (2018, p.34) destaca o ano de 2013 como marco de entrada do país em um ambiente de estresse político, que redirecionou a política brasileira por um caminho de embates políticos mais radicalizados, substituindo consideravelmente o padrão político conciliatório, característico no mundo político desde o pacto da Constituinte de 1988. Isso se deu a partir do aumento de tensão entre a classe política e o estamento jurídico, como também o dilema sobre direitos e privilégios em meio à crise econômica, levando a mais embates com o grande número de pessoas que foram às ruas em 2013 em eventos de protesto por todo o país. Longe de figurar no país situação de crise institucional, em que as instituições perdem sua capacidade de atuar, o país passou por turbulências expressas por fortes embates dentro do corpo político e protestos e manifestações fora dele. É notável que esse processo, que abriu mais espaços a discursos e práticas de maior intolerância, radicalismo e violência, parece indicar uma regressão da democracia institucional brasileira, de acordo com o autor, mas não uma ruptura.

Nas jornadas de 2013, grandes parcelas da sociedade aderiram às manifestações reivindicando direitos e o cumprimento da Constituição. Essas manifestações, protagonizadas em grande medida por grupos de jovens já socializados na democracia recente, simbolizaram de forma contraditória certo fracasso na tradução da Constituição em melhorias substantivas na vida da sociedade, e, por outro lado, o progresso conquistado pelo pacto em relação à defesa dos direitos legalmente estabelecidos. Foram motivadas, ainda, entre outras coisas, pela deflagração de sistemáticos escândalos de corrupção e pelo agravamento da crise econômica (VIEIRA, 2018, p.12).

É importante enfatizar que essa crise política em que o país mergulhou envolve tanto a deflagração de casos de corrupção, manifestações da sociedade civil e embates acalorados entre atores políticos, como também os sucessivos efeitos da condução da crise econômica que se aprofundou no governo de Dilma, que teve mandato interrompido após processo de impeachment em 2016. Segundo Vieira:

Premida pela crise fiscal, a ex-presidente Dilma fez um giro de 180 graus logo após a eleição, nomeando Joaquim Levy, representante do sistema financeiro, para o Ministério da Fazenda, adotando a política econômica proposta por seus principais adversários e assim configurando um “estelionato eleitoral”, no dizer de Celso Rocha de Barros, o que gerou

desgaste em seu próprio partido. Pouco tempo depois a presidente novamente mudou a direção da economia, aprofundando o seu projeto desenvolvimentista. Com o agravamento da crise econômica e social daí decorrente, aprofundou-se a desconfiança de amplos setores da classe média e do empresariado, estimulando o MDB, até então principal aliado e sócio do governo nas gestões de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, em que Michel Temer ocupou a vice-presidência, a abandonar o governo e passar a conspirar contra o mandato da presidente. O resultado foi o controvertido impeachment de Dilma Rousseff e a ascensão do MDB ao poder. (VEIRA, 2018, p.14).

Dado esse panorama geral que colaborou para a intensificação da crise aberta em 2013 e o processo de impeachment de Rousseff, cabe aprofundar duas tensões institucionais trazidas por Vieira (2018, p.19) que estão na raiz da crise política. Em primeiro lugar, o processo de degradação do presidencialismo de coalizão¹³ que veio a se confrontar com o Judiciário, este que ganhou maior protagonismo e autonomia ao longo dos anos 2000. E em segundo lugar, a dificuldade, em meio à crise econômica, de gerir gastos referentes a uma diversidade de direitos e privilégios trazidos pela Constituição de 1988, levando ao conflito distributivo na relação entre direitos sociais de caráter progressivo e privilégios a determinados setores.

Em relação à tensão entre o corpo político e o Judiciário, Vieira (2018, p.20) explica sobre o arranjo político que garante governabilidade no atual sistema político brasileiro, levando em consideração dois aspectos da organização social no país que continuam após a Constituição de 1988: a grande desigualdade, e o corporativismo e patrimonialismo extrativista. Enquanto o presidente da República precisa, em sua atuação, conjugar interesses gerais de uma sociedade desigual, dado ser majoritariamente eleito pela população, ainda precisa articular-se com partidos e líderes partidários para garantir espaço de manejo político, criando uma base de sustentação de governo, que corporifica privilégios, o que se convencionou chamar de “presidencialismo de coalizão”. Por outro lado, os diversos partidos e líderes eleitos pelo sistema proporcional, acabam por se comprometer com determinados grupos de interesse em busca de maior participação na coalizão governamental, isso porque o elevado custo eleitoral em que se inserem, associado ao sistema proporcional de lista aberta¹⁴ e às grandes áreas eleitorais circunscritas, gera a busca

¹³ O presidencialismo de coalizão é um arranjo fundamental na política nacional para cooperação entre partidos e governo, o que permite ao governo levar a frente sua agenda política (ABRANCHES, 2018).

¹⁴ No sistema proporcional, os partidos elegem determinado número de candidatos baseado nos votos que obteve, podendo ser um sistema proporcional de lista aberta ou

por privilégios e benefícios que criem oportunidades de arrecadação de recursos que garantam sobrevivência política nas eleições.

O problema, como explica o autor, é que ocorreu, ao longo dos anos 2000, um processo de hiperfragmentação partidária e a formação de coalizões cada vez mais heterogêneas, o que acabou elevando consideravelmente os custos de formação de bases de sustentação de governos. Neste sentido, os problemas que levaram ao impeachment de Rousseff em 2016 são decorrentes, dentre outras coisas, da dificuldade de satisfazer sua base de governo, juntamente com a incapacidade da presidente de dialogar com as lideranças que formavam sua base.

Segundo Vieira (2018, p.24), há ainda razões econômicas e fiscais que foram relevantes para o processo de Rousseff e agravamento da crise, face à dificuldade em seu governo de lidar com a relação entre a distribuição de direitos sociais progressivos, logo distributivos, e a concentração de renda devido à distribuição de privilégios para determinados grupos, referente ao compromisso amplo da constituição. Levando em consideração que o governo de Rousseff não contava mais com um cenário de crescimento econômico constante que permitiu, em outros governos petistas, combinar os gastos sociais com privilégios, dado o agravamento da crise econômica, o governo não foi capaz de revelar soluções para seus gastos. Isso afetou o equilíbrio orçamentário, tornando-se pretexto jurídico para a interrupção do mandato da presidente em questão. De uma forma geral, pode-se dizer que:

As vastas manifestações que tomaram as ruas de nossas cidades em 2013 colocaram em xeque a estabilidade de um sistema político que parecia consolidado. De um lado, houve um choque entre o presidencialismo de coalizão, que foi se degenerando ao longo do tempo, e as instituições de aplicação da lei, que foram se tornando mais autônomas e ambiciosas. De outro, os direitos fundamentais e todo um conjunto de políticas públicas, que vinham induzindo inúmeras transformações positivas na sociedade brasileira nas últimas décadas, viram-se subitamente ameaçados por um crescente descontrole fiscal, em grande medida ligado a gastos de natureza regressiva (VIEIRA, 2018, p.6)

Por mais que, de acordo com Vieira (2018, p.34), não tenha ocorrido rompimento constitucional, o agravamento dessa crise colaborou para o descrédito frente às instituições e aos partidos, afetando as posteriores eleições ao criar um terreno fértil para fenômenos políticos populistas e antissistema. Nesse cenário de

fechada, no caso da lista aberta, em vigor no país, o eleitorado elege ainda a ordem da lista de acordo com os votos obtidos pelos candidatos (NICOLAU, 2006, p.4).

aprofundamento da crise política, figurou no país um processo de transformação no comportamento político de grande parcela da sociedade, expresso pelo aprofundamento de radicalismos, intolerância e hostilidade frente às instituições.

Esse novo padrão de comportamento político tem a ver com a mudança de contexto político na última década. A recente reorganização da direita com pautas liberais, conservadoras, antipetistas e com práticas de convocação para as ruas parece ter tido papel fundamental nessa mudança. Com a crescente insatisfação da sociedade com o governo petista, responsabilizado pela dificuldade governamental de processar demandas, e pela deflagração de escândalos sistemáticos de corrupção envolvendo diferentes partidos, a esquerda perdeu o monopólio do campo participativo no Brasil, permitindo o posicionamento de uma direita reorganizada e mais mobilizada principalmente devido às novas ferramentas digitais.

Fuks e Marques (2020) defendem argumentos baseados em pesquisas de que, na segunda década do século XXI, ocorreu um movimento de intensificação na relação entre ideologia e comportamento político no Brasil, o que contribuiu para o voto ideologicamente orientado nas eleições de 2018. Isso contrasta com os primeiros anos de governo do PT em que o comportamento político da maior parte da sociedade não se encontrava associado a ideologias definidas. Isso se deve a fatores como o direcionamento de partidos para o centro, a continuidade dada pelo PT à política macroeconômica do governo anterior, de Fernando Henrique Cardoso, perdendo parte de sua identidade com a esquerda, e a tímida autoidentificação ideológica dos partidos de direita por causa dos anos de regime militar.

A superação de uma “direita envergonhada”, a ocupação de uma nova direita no campo participativo e a oferta de candidatos de extrema-direita aproximaram pautas políticas ideológicas com eleitores, reaproximando a ideologia política ao voto no Brasil. Todavia, diferente de períodos mais partidários da democracia representativa, o voto ideológico passou a depender mais do fluxo informacional das redes e do campo dos valores, de acordo com os autores.

Maria da Glória Gohn (2019) descreve esses processos a partir da análise do campo participativo no Brasil desde o final do século XX. A autora discorre sobre a crescente indignação da população na primeira década do século XXI que contribuiu, entre outros fatores, para a abertura de novos espaços participativos, principalmente no que concerne às experiências participativas que levaram às

manifestações de rua em 2013. Tal evento demonstrou a força da juventude com novos valores entrando em cena, através de demandas pela melhoria de direitos sociais, reforçando sentimentos negativos em relação à forma tradicional de política, corrupção, centralização de poder e, por outro lado, valorizando práticas coletivas, experiência, autonomia e ação direta. Além disso, a autora relaciona essa jornada de manifestações no Brasil com o contexto internacional, movimentos e protestos por diversos países após a crise do capitalismo global de 2008, enfatizando uma simbiose com as ferramentas digitais no processo. Desta forma, vai sendo difundida na sociedade brasileira, com contribuição da mídia, a “não política” como valor, relacionada mais a um processo de apartidarismo e ação direta do que uma recusa da política.

Houve uma gradual abertura no campo participativo a partir de 2013, com o surgimento de inúmeros movimentos que se diferenciavam de movimentos mais antigos. A autora denomina tais grupos como “novíssimos”, diferenciando de movimentos “clássicos” ou “novos”. Grupos “novíssimos” são aqueles que criam identidades a partir da própria ação, utilizando as ferramentas digitais para sua organização, criados na última década, enquanto os grupos “novos” são os movimentos de luta identitária criados pelo fim da década de 70, sendo identificados através da construção de identidades por meio de lutas simbólicas e culturais. Já os movimentos “clássicos” dizem respeito àqueles mais antigos ainda, como sindicatos, movimentos estudantis e sem-terra. Esses grupos “novíssimos” refletem uma mudança na cultura política e indicam uma mudança de direção na forma que os principais princípios democráticos são postos em prática.

Dentre esses grupos “novíssimos”, surgem como grandes protagonistas novos grupos conservadores, reacionários e neoliberais e movimentos de extrema direita que se apropriaram de repertórios fomentados em 2013, quanto a estratégias de performance. Tais grupos surgem como fenômeno virtual em função de interesses orientados pela oposição ao governo federal. São orientados ainda por teorias ideológicas notadamente de direita, adaptadas à retórica popular através de interesses políticos contrários ao governo.

O repertório político de suas convocações é estrategicamente construído e sua ideologia é adaptada a retóricas populares, influenciando ao longo do tempo a

opinião pública por meios digitais, indicando de fato uma virada em direção a uma nova forma de comunicação na política.

Santos e Tanscheit (2019) analisam a rápida ascensão de Bolsonaro a partir da perspectiva de “troca de guarda” na direita brasileira, isto é, o processo pelo qual o sistema partidário brasileiro é abalado pelo grande fortalecimento de uma direita radicalizada face à decadente direita moderada. Os autores citam dois eventos como chaves para a compreensão desse processo: os impactos de operações anticorrupção contra partidos que compunham o quadro partidário anterior, com ênfase nos dois concorrentes principais ao governo, PT e PSDB, e o processo de impeachment da presidente Rousseff em 2016.

Em relação aos impactos de operações anticorrupção no Brasil, os autores citam a clara inspiração de um dos principais protagonistas dessas operações, o juiz federal Sérgio Moro, principal protagonista da operação “Lava Jato”, várias vezes associada à experiência italiana da década de 1990 – Operação Mãos Limpas. Desta forma, os autores defendem a forte existência de uma atuação combativa do Judiciário brasileiro, alegando que tal fato impactou o sistema partidário no sentido de buscar ativamente mudanças no sistema político por meio da deslegitimação do sistema partidário. Tais operações anticorrupção com forte protagonismo do Judiciário se tornaram destaque em matérias de televisão, jornais e rádios, tornando ainda maior a frustração da sociedade, ganhando logo grande adesão popular e apoio também da oposição ao governo federal, percebida como atuação eficaz e direta contra estruturas existentes de corrupção. Mesmo afetando diferentes partidos, o que demonstra os efeitos disseminados pelo sistema partidário, os impactos mais importantes recaíram sobre o PT.

Santos e Tanscheit (2019) defendem ainda o argumento de que o processo de afastamento da presidente teria feito parte das estratégias da principal oposição histórica ao PT, o PSDB, em tirar o adversário do poder por caminhos não eleitorais. Na prática, as eleições de 2018 foram marcadas por incertezas, que culminaram na liderança eleitoral exercida por Jair Messias Bolsonaro, candidato à Presidência por um partido inexpressivo. A reconfiguração do sistema partidário deixou analistas e políticos surpresos: os dois principais partidos que vinham marcando a política brasileira desde os anos 1990, PT e PSDB, ficaram eleitoralmente enfraquecidos.

Outros fatores importantes que elevaram o grau de incerteza em relação à disputa de 2018 foram as mudanças eleitorais. Jairo Nicolau (2020) apresenta as que entraram em vigor nas eleições municipais de 2016 e que passariam a valer nas eleições gerais, obrigando a novas estratégias de sobrevivência para partidos e candidatos:

[...] Algumas mudanças (lei 13165/2015) já haviam entrado em vigor nas eleições municipais de 2016 e seriam agora empregadas pela primeira vez em eleições gerais: a redução do prazo mínimo de filiação a um partido para que um cidadão possa disputar uma eleição; a diminuição do período oficial de campanha e do horário eleitoral gratuito, e o fim do financiamento por empresas; em 2018, os candidatos puderam contar, pela primeira vez, com os recursos de um fundo exclusivamente criado para o financiamento das campanhas eleitorais (lei 13488/2017) (NICOLAU, 2020, p.21).

Sobre as campanhas, a redução da duração de propaganda eleitoral e do horário eleitoral, e o fim do financiamento privado para campanhas indicavam favorecimento aos partidos e políticos tradicionais com maiores bancadas e que teriam maior cota no Fundo Eleitoral – fundo público para campanhas. Desse modo, a falta de recursos que marcou a candidatura de Bolsonaro tornou sua vitória ainda mais expressiva.

4.3

A RÁPIDA ASCENSÃO DE BOLSONARO NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

A história da corrida eleitoral de Bolsonaro para o cargo de presidente da República tornou-se fato extremamente surpreendente na época. Nicolau (2020) assinala como surpresa nas eleições de 2018 a quantidade de votos obtidos pelo partido do candidato eleito à presidência, o PSL (Partido Social Liberal), até então um partido de segunda grandeza, o que de acordo com o autor demonstrou a vitória de um movimento que se formou em torno do presidente eleito na ocasião. Bolsonaro, ex-capitão do exército, foi eleito deputado federal em 1990, mantendo-se no cargo até 2018. Nunca teve grande destaque em seus anos de deputado federal, sendo considerado na época político do baixo clero. Como deputado foi mais

conhecido por polêmicas em que externava opiniões extremistas ou até ofensivas do que por suas propostas de emendas e outras atuações no congresso. Fato ilustrativo disso foi como ficou muito conhecido o episódio em que declarou seu voto pelo impeachment da então presidente Dilma Rousseff. Na ocasião, Bolsonaro, inflamado pelos diferentes discursos que homenageavam à família, personagens históricos e valores ligados à democracia, declarou homenagem ao coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, torturador conhecido do regime militar e que de acordo com Dilma a havia ameaçado de morte durante sua prisão. (OYAMA, 2020).

Juliana Dal Piva (2022) discorre sobre o começo da vida política de Bolsonaro. Eleito nas primeiras eleições democráticas, após a redemocratização do país, torna-se vereador em 1988 pelo PDC (Partido Democrata Cristão). Tinha como slogan de campanha “Salvem o Rio” e “Brasil acima de tudo”. A autora menciona como mesmo antes do início de sua trajetória política já se envolveu em polêmicas. Dentre elas, a confusão que lhe rendeu punição disciplinar no Exército:

O capitão passara os dois anos anteriores, entre 1986 e 1987, envolvido em polêmicas. Escreveu um artigo reclamando do salário dos militares que lhe rendeu uma punição disciplinar de prisão por quinze dias. Depois ensaiou um plano para implantar bombas em instalações do Exército; foi condenado pelo Conselho de Justificação do Exército mas terminou absolvido, em um polêmico julgamento, no Superior Tribunal Militar (STM) (DAL PIVA, 2022, p.35).

Sua atuação na Câmara Municipal foi marcada pela busca de pautas que lhe rendessem mais engajamento midiático, como suas críticas a quantidade à assessores a que os vereadores tinham direito, e à prática de indicar assessores “fantasmas”, funcionários que não frequentavam os seus postos de trabalho. Isto posto, fica evidente que o político já em seus primeiros anos continha em seu discurso forte apelo à moralidade contra práticas corruptas e a favor da transparência, tema pertinente não fossem as contradições quando levado em consideração que Bolsonaro e sua família viriam a ser investigados e denunciados, 30 anos depois, pelas mesmas práticas realizadas por ele e sua família ao longo de anos e criticadas reiteradas vezes em seu mandato na Câmara Municipal. Quando eleito em 1990 como deputado, sua postura como crítico às práticas relacionadas a assessores e salários tornaram-se ainda mais contraditórias, já que na ocasião o

então deputado passou a empregar como assessores conhecidos e familiares. Em relação ao envolvimento político, sua família tornou-se um verdadeiro clã, sendo a ex-mulher Rogéria Bolsonaro a primeira candidata eleita da família como vereadora e com seu apoio. Posteriormente, o ingresso dos filhos no mundo político também aconteceu de forma coordenada, sendo Jair Bolsonaro o grande cabo eleitoral da família (DAL PIVA, 2022).

O fenômeno político de grande adesão à candidatura de Jair Bolsonaro em 2018, que mobilizou muitos adeptos antes, durante e depois, tem sido chamado na mídia e na academia de bolsonarismo. A rapidez com que o termo passou a ser utilizado, de acordo com Ribeiro (2022), reflete a considerável dimensão da adesão ao redor do político, revelando que o bolsonarismo faz parte de um movimento mais amplo de ascensão recente de casos políticos de extrema direita. Esse movimento engloba atores políticos que, assim como Bolsonaro no Brasil, não escondem inclinações nacionalistas, autoritárias e militaristas, que vêm sendo eleitos em países democráticos como Polônia, Hungria, Rússia, Estados Unidos e Brasil, mesmo apresentando discursos e práticas que caminhem na direção da erosão de conquistas democráticas. A argumentação empreendida por Ribeiro (2022) compreende sobretudo a defesa de que o bolsonarismo excede a esfera política, ligando-se a aspectos culturais de parte da sociedade, o que reflete, dentre outras coisas, na própria denominação de seu líder pelos apoiadores como “mito”. Este lado mítico foi reforçado após atentado sofrido em meio a campanha em Juiz de Fora, já que a sobrevivência de Jair foi concebida como milagre por grande parte dos apoiadores. A partir disso, na sua agenda constava principalmente do combate à “hegemonia” de esquerda (anticomunismo, antipetismo no âmbito local), defesa do militarismo e uso de capital religioso (o que remete principalmente a família cristã).

Barbosa e Casarões (2022) ressaltam a existência de uma rede de cooperação de extrema direita, que une diferentes movimentos e líderes radicais, incluindo o bolsonarismo. Essa rede de cooperação é explicada, pelo ponto de vista dos autores, por três dimensões. A primeira diz respeito a inimigos comuns como comunismo, socialismo, globalismo e cosmopolitismo. A segunda demonstra a importância da religião e diz respeito à busca de uma nova ordem internacional, que priorize a preservação de identidades nacionais e culturais. Já a terceira dimensão

se refere aos conceitos de civilização, unindo diferentes nações com identidades próximas contra outras que possuem agendas políticas globais ou valores religiosos universais.

Ribeiro (2022) explica, citando Olavo de Carvalho (ideólogo da direita brasileira e considerado “guru” do bolsonarismo¹⁵), que uma base ideológica fez parte da trajetória desses diferentes líderes eleitos em várias democracias. Essa base relaciona-se ao “tradicionalismo”, presente na lógica de ideias de grandes influenciadores desses movimentos de extrema direita, como o próprio Olavo de Carvalho no Brasil e Steve Bannon (considerado importante ideólogo da nova direita populista radical nos Estados Unidos¹⁶). Tal aspecto, segundo o autor, é definido da seguinte forma:

[...] Em linhas gerais, podemos definir o tradicionalismo como uma recusa à modernidade, à globalização e aos valores ditos universais. Responsáveis por criar uma massa amorfa de indivíduos sem personalidade, em contrapartida a tais elementos o tradicionalismo defende a existência e faz apologia às diferenças culturais (embora enfatize a moral judaico-cristã, religiões orientais são bastante apreciadas por sua capacidade de permanecerem aparentemente alheias aos signos de progresso trazidos pela modernidade) e suas supostas autenticidades, cujas fontes não deixam de estar ligadas, de alguma maneira, ao solo e ao território. (RIBEIRO, 2022, p.5).

Desta forma, a busca pela recuperação de valores tidos como tradicionais e ameaçados, em casos recentes de movimentos de extrema direita, parece ter sido motivação determinante para a ascensão política de vários casos de extrema direita, levando adeptos desses fenômenos a reforçar comportamentos que fortaleçam o vínculo com tais valores, como a concepção de uma família patriarcal e a volta da ditadura militar, no caso de setores conservadores no Brasil, e ataques a grupos estrangeiros com a justificativa de serem responsáveis pelos males da nação, no caso de setores conservadores nos Estados Unidos, ou os imigrantes na Europa responsabilizados por crises. De qualquer forma, essa busca a uma determinada percepção de raízes de valores ganha importantes aliados como o nacionalismo, doutrinas religiosas e, no caso específico do Brasil, o autoritarismo e o militarismo,

¹⁵ Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60139060>>. Acesso em 24 de janeiro de 2023.

¹⁶ Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63351523>>. Acesso em 24 de janeiro de 2023.

presentes na estrutura política brasileira. Por esse ponto de vista, tal processo descrito cria um ambiente propício para discursos radicais antidemocráticos, e toma forma através de candidatos eleitos e de práticas como: deslegitimação de adversários políticos, questionamento de processos eleitorais, difusão de fake news e utilização de teorias conspiratórias (RIBEIRO, 2022).

Ribeiro (2022) recupera a trajetória eleitoral de Bolsonaro em 2018 e argumenta que, junto a setores da sociedade que após a redemocratização ainda continuaram conservadores e a favor do período de ditadura no Brasil, o então candidato à Presidência soube se aproveitar da conjuntura em suas estratégias de campanha, não apenas política, mas cultural. Isso porque seu comportamento em sua comunicação política passou pela ligação direta com valores morais, éticos e religiosos já existentes na população mais conservadora. O autor argumenta que, nesse cenário, o aspecto cultural baseado em subjetividades acerca de valores passou a converter-se em política, configurando a defesa de pautas políticas dentro da lógica dos valores conservadores de percepção de mundo, os quais podem ser citados aqui em pautas como a ampliação de direito ao porte de armas para civis, ativismo contra o aborto, revisionismo histórico (principalmente em relação à época da ditadura militar), liberdade de expressão irrestrita sem controle legal, dentre outras. À vista disso, a política ideológica do bolsonarismo aproximou temas relevantes e complexos de valores éticos, morais e religiosos, criando uma realidade paralela, muitas vezes se contrapondo ao progresso da ciência, dos fatos jornalísticos e do debate democrático plural.

Hatzikidi e Dullo (2021) reforçam como os processos de crescente frustração da sociedade brasileira tiveram como alvo os governos do PT, tomado como parte do sistema e culpado por tudo que o Brasil estaria experienciando negativamente. Também citam como diversos estudos mapearam a forte adesão à candidatura de Bolsonaro, provando que o então candidato conseguiu convencer ser de fora do establishment, com o intuito de romper com o sistema, percebido como inerentemente corrupto. Segundo os autores, o comportamento antissistema, que reiteradas vezes resgatou sentimento saudosista em relação ao governo militar, e o discurso ofensivo de deslegitimação de adversários, revelou o autoritarismo que parece ter sido concebido como prova para a população de que o político se portava contra as estruturas políticas tradicionais no país. E como lembram os autores, o

cientista político Zeynep Gambetti (2018) ilustra bem sobre a centralidade de discursos em movimentos de extrema direita com intenção de se colocarem como alternativa a sistemas políticos existentes, com o objetivo de se oporem a ideias concebidas como a existência de uma hegemonia global de esquerda e a perda de identidades por causa de imigrações.

Bolsonaro em sua campanha eleitoral de 2018 reiteradas vezes aproximou os governos anteriores do PT a uma hegemonia global de esquerda a ser combatida, através do discurso anticomunista, alegando ser seu adversário uma ameaça em relação às identidades de famílias concebidas por ele e sua base como tradicionais (geralmente compostas pela heteronormatividade e estrutura clássica de pai, mãe e filhos). Esse discurso teve grande capilaridade levando em consideração as tendências conservadoras e autoritárias já existentes na sociedade brasileira, ligadas principalmente a valores familiares, religiosos e à defesa da arbitrariedade das leis aplicadas a criminosos. À vista disso, setores já conservadores foram alimentados pela guerra ideológica e cultural mobilizada por Bolsonaro, processo intensificado pela conjuntura de escândalos de corrupção ligados ao PT e associados, apontando-os como criminosos. Desta forma, a campanha de Bolsonaro fomentou aspectos conservadores ligados a grupos da sociedade, que foram convencidos de que o suposto comunismo, representado pelo adversário, significava uma grande ameaça às identidades a eles ligadas (HATZIKIDI, DULLO, 2021).

A construção de uma grande ameaça às identidades representada pelo adversário liga-se ao autoritarismo, explicam os autores, e refere-se ao punitivismo em relação àquilo que se julga ameaçar a ética e moral da ordem pública, ordem concebida através de elementos populistas de uma imagem fictícia de uma noção homogênea de povo e sua cultura, ética e moral. Conforme assinalam Barbosa e Casarões (2022), é tendência de populistas de extrema direita formar o discurso político através de guerras culturais, com a finalidade de gerar padrões nas relações sociais que opõem grandes grupos a outros, fazendo com que surjam desejos por determinados comportamentos políticos, dentre eles, de personalidades autoritárias. De acordo com esses autores, a religião foi fundamental para compreender as estratégias adotadas por Bolsonaro, pois o discurso religioso serviu como ferramenta para reafirmar o autoritarismo do movimento. O autoritarismo, de acordo com eles, vem acompanhado da religião em práticas e discursos de

Bolsonaro em ao menos três aspectos: a rejeição às regras do jogo democrático, a deslegitimação de adversários políticos e a vontade de restringir as liberdades civis dos opositores, incluindo a imprensa. Destacam como exemplos os seguintes comportamentos de Bolsonaro:

No entanto, o então candidato usou a religião de forma recorrente em pelo menos três dos quatro indicadores acima. Quanto ao primeiro, Bolsonaro frequentemente argumentou, contra a Constituição, que o Brasil deveria ser governado por crenças cristãs e que o secularismo era um plano deliberado da esquerda para destruir as tradições judaico-cristãs do Brasil e fazer lavagem cerebral nos alunos para que acreditassem em valores progressistas. Quanto ao segundo, Bolsonaro frequentemente se autopromovia como um brasileiro 'comum' e 'patriótico', 'com Deus no coração' e que 'não tem vergonha de dizer que devemos proteger a inocência de nossos filhos contra a ideologia de gênero ensinada na escola'. Quanto ao quarto, o capitão reformado recorreu a um versículo bíblico para reivindicar o monopólio da verdade: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8:32; King James' Version), tal passagem foi usado em vários de seus ataques a oponentes políticos, bem como à mídia. (BARBOSA; CASARÕES, 2022, p.16, tradução nossa).¹⁷

Conforme Barbosa e Casarões (2022) desenvolvem, a religião tornou-se importante instrumento estratégico do bolsonarismo, ajudando a divisão entre os adeptos ao movimento e os políticos de esquerda com seus eleitorados, tidos como corruptos, progressistas e seculares. Reiteram que a bandeira levantada por Bolsonaro na campanha, acerca dos valores da família, faz parte de uma guerra cultural religiosa, resgatando o império da moral, sendo que, mesmo reforçando o conservadorismo nacional, conecta-se com uma base de ideias de direita radical ao redor do mundo em uma rede de cooperação, como já explorado neste trabalho em relação à recusa da modernidade. À vista disso, pode ser identificada, como argumentado por Almeida (2019), a articulação de parte do mundo evangélico com a ascensão do bolsonarismo.

¹⁷ No original: However, the then-candidate recurringly used religion in at least three of the four indicators above. As for the first, Bolsonaro often argued, against the Constitution, that Brazil should be governed by Christian beliefs and that secularism was a deliberate left-wing plan to destroy Brazil's Judeo-Christian traditions and to brainwash students into believing in progressive values.⁹⁵ As for the second, Bolsonaro frequently promoted himself as an 'ordinary' and 'patriotic' Brazilian, 'with God in his heart' and who 'is not ashamed to say we must protect the innocence of our children against gender ideology taught at school'.⁹⁶ As for the fourth, the retired captain resorted to a biblical verse to claim monopoly on truth: “And ye shall know the truth, and the truth shall make you free” (John 8:32; King James' Version), such passage was used in several of his attacks on political opponents, as well as on the media.

4.4

ESTRUTURA DE CAMPANHA PARA PRESIDENTE DO ENTÃO CANDIDATO JAIR BOLSONARO

A campanha de Jair Bolsonaro, nas eleições presidenciais de 2018, foi conduzida principalmente por meio das três caracterizações principais do bolsonarismo: o discurso anticomunista contra a esquerda, muito ligado ao antipetismo; o autoritarismo associado ao militarismo; e a mobilização de valores religiosos associados à família cristã. Contudo, um fator importantíssimo fez parte de sua campanha: a forma digital como foi veiculada e disseminada, com o suporte de uma grande base de voluntários digitais da extrema direita, reorganizada nos últimos anos. Embora as redes de financiamento de fato ajudassem essa base de direita e a campanha de Bolsonaro em 2018, descrever ambos significa, pelo ponto de vista de Camila Rocha (2018), também explorar as redes de militantes e ativistas da nova direita, que souberam se aproveitar da percepção de identidades comuns, e da utilização de ferramentas digitais para construção de subjetividades de forma voluntária.

Camila Rocha (2018) debruçou-se por anos em estudos sobre movimentos de direita no Brasil, acompanhando principalmente suas redes de militância por acreditar ser uma forma de conseguir descrever a ascensão recente da direita no Brasil, e assim compreender mais sobre o sucesso eleitoral da candidatura de Bolsonaro. De acordo com ela, as novas direitas que favoreceram o sucesso da candidatura de Bolsonaro já vinham se organizando muito antes de 2018, utilizando de forma eficiente as ferramentas digitais ao longo dos anos. Entretanto, explica que quando começaram a se organizar, entre o final do primeiro governo Lula e o começo do segundo, não contavam com muito suporte financeiro. Neste processo, cita o papel fundamental que teve Olavo de Carvalho, que comporia a base ideológica do bolsonarismo anos depois:

[...] Um pioneiro nesse movimento foi o jornalista e escritor Olavo de Carvalho, que, após a polêmica causada pela publicação de livros em que criticava intelectuais e acadêmicos de esquerda, resolveu apostar na divulgação de suas ideias na internet. Para tanto, criou um blog pessoal em 1998, depois um site coletivo em 2002, o Mídia Sem Máscara, e, em 2006,

um programa de rádio, o TrueOutspeak, por meio do site BlogTalkRadio, que era acompanhado pelos membros das comunidades do Orkut fundadas em sua homenagem e por simpatizantes de ideias de direita espalhados pelo país. No entanto, a despeito de sua crescente popularidade, a tentativa de manter um instituto que havia sido fundado em sua homenagem em 2010 por mais de dois anos naufragou por falta de recursos e dissensões internas (ROCHA, 2018, p.54).

Segundo a autora, junto à crescente popularidade de Olavo, ao longo dos anos 2000, outros grupos liberais e ultraliberais se organizavam dentro e fora da internet, por meio de organizações civis que contavam com iniciativas voluntárias de seus integrantes, já que não tinham muito apoio financeiro. Aos poucos foram criando vínculos com think tanks¹⁸ de direita mais antigos no Brasil e em outros países. O destino desses movimentos passou a mudar, ganhando maior relevância, em meio a intensificação de discursos de oposição ao então governo petista, principalmente a partir do primeiro governo de Dilma Rousseff, considerando a deflagração de esquemas de corrupção com envolvimento do PT, como foi o caso do “mensalão” e “petrolão”. Isso criou um ambiente favorável que ajudou tais movimentos a conquistarem mais adeptos, dando origem a novos grupos a partir de 2013, como o caso do MBL (Movimento Brasil Livre). Com a reeleição apertada de Rousseff em 2014, tais grupos que faziam parte dessa nova direita passaram a mobilizar-se em grande medida pela pauta pró-impeachment, ganhando mais visibilidade e financiamento recebido de empresários e políticos opositores ao governo petista. Após o impeachment de Rousseff, voltaram a contar com os próprios recursos dado o retorno da escassez dos investimentos recebidos, mas passando a marcar bem mais presença na esfera pública (ROCHA, 2018).

Através da descrição de processos de continuidades e discontinuidades desses movimentos de extrema direita no Brasil, Rocha (2021) desenvolve em sua pesquisa, a aproximação de setores conservadores e religiosos com essa nova direita emergente, tendo em vista a intensa oposição feita por esses grupos em relação aos avanços na área de direitos humanos durante os governos petistas. Desta forma, pouco antes das eleições de 2018, a hegemonia liberal-libertário da direita

¹⁸ De acordo com Rocha (2021, p.27), *think tank* é uma expressão utilizada para denominar organizações civis privadas que reúnem especialistas e técnicos com o objetivo de divulgar ideias e pesquisas, importante estratégia de difusão associada a ideologias de direita. Criados nos Estados Unidos ao longo do século XX, o termo passou a ser utilizado por volta da década de 1960 e faz alusão a reuniões estratégicas de guerra em salas secretas. Podem ser citados alguns relevantes que tiveram relação com essa nova direita como o Instituto Liberal do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Empresariais, Fundação Friedrich Naumann, Instituto Millenium e Instituto Mises Brasil.

emergente foi dando lugar a um crescente amálgama ultraliberal-conservador, como indica a autora:

A menos de um ano e meio das eleições de 2018, a “hegemonia liberal-libertária” existente no período de formação da nova direita já havia dado lugar a um amálgama ultraliberal-conservador. Assim, ultraliberais, como Bernardo Santoro, que havia ingressado no PSC em 2014, e Rodrigo Constantino passaram a se definir como liberais-conservadores. O intuito era anunciar que faziam uma defesa radical do livre mercado e, ao mesmo tempo, eram conservadores na questão de costumes e no que tange à defesa da ordem, apontando para o que é uma tendência histórica: a adesão dos defensores do livre mercado ao conservadorismo [...] (ROCHA, 2021, p.162).

Fato ilustrativo disso, foi a forma com que o então deputado Jair Bolsonaro, fazendo forte oposição a políticas progressistas nos governos do PT a partir de 2011, passou a se aproximar com essa nova direita e com a figura de Olavo de Carvalho, relações essenciais que tiveram efeitos sobre sua candidatura e seu governo. Em meio a muitas polêmicas envolvendo o então deputado, em 2011 Bolsonaro se opôs a uma política de governo, por parte do Ministério da Educação, que visava combater a homofobia, mediante um material de educação sexual a ser distribuído nas escolas. Chamou o material de “kit gay”, alegando que a iniciativa indicava incentivos, por parte do governo, à sexualização de crianças e relações homoafetivas. Vale ressaltar que seu filho, Flávio Bolsonaro, então deputado estadual do Rio de Janeiro, também mobilizou o tema com o intuito de gerar alarde sobre as supostas reais intenções do governo federal, até mesmo participou de uma live com Olavo de Carvalho para debater o assunto. Jair Bolsonaro à época intensificou sua ofensiva moral contra os governos do PT no congresso, com alusão a teorias fomentadas em grupos de estudo promovidos por Olavo de Carvalho, em relação à existência de ameaças referentes a um suposto avanço da esquerda na América Latina (ROCHA, 2021).

Desta forma, conforme o bolsonarismo ganhava forma em torno de pautas morais e comportamentais, aproximando grupos religiosos e conservadores, em relação a valores religiosos e discurso anticorrupção, a nova direita, entre continuidades e descontinuidades, fragmentava-se em direções distintas direcionando-se para o Partido Novo, Partido Social Cristão, Partido Social Liberal e outros. Porém, variados grupos de direita aglutinaram-se em torno de Jair Bolsonaro e o seguiriam no partido que adotasse ou indicasse. Levando em consideração que, embora apresentasse seu lado conservador nos costumes e

autoritário com a visão sobre a ditadura militar, o candidato ao longo dos anos aproximou-se de grupos da nova direita, acenando para ideias vinculadas aos discursos pró-mercado. Fato disso foi o espaço prometido a Paulo Guedes para o ministério da Fazenda em seu futuro governo, nome apresentado a Bolsonaro por personalidades vinculadas a grupos da nova direita liberal e ultraliberal. O fenômeno de ascensão da nova direita é diferente do bolsonarismo, pois apesar de terem se afetado mutuamente, o bolsonarismo manteve seu conteúdo ideológico que afastou muitos integrantes da nova direita. Contudo, é importante mencionar que existiu essa troca de ideias entre o bolsonarismo e as novas direitas que tiveram efeitos como o direcionamento de grupos de direita liberal ao amálgama liberal-conservador e o apoio expressivo de toda nova direita a candidatura de Bolsonaro no segundo turno (ROCHA,2021).

Barbosa e Casarões (2022) mencionam o slogan: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!” da candidatura de 2018 como importante na construção do então candidato, revelando a fusão da supremacia religiosa e do nacionalismo populista. De fato, anos antes de lançar sua candidatura pelo Partido Social Liberal (PSL), a intenção era concorrer à presidência pelo Partido Social Cristão (PSC). A filiação ao PSC significou, de acordo com os autores, um aceno de Bolsonaro às religiões protestantes, com objetivo de ganhar apoio dos evangélicos, porém, sua repentina filiação de candidatura pelo PSL tem como explicação a estratégia do então candidato de se apresentar como opção para um público mais extenso, não apenas para igrejas evangélicas concorrentes, como também para um eleitorado católico, levando em conta o Brasil ser majoritariamente católico. Desta forma, Bolsonaro foi capaz de unir, de certa forma, a fé com o nacionalismo, e ganhar votos de setores religiosos diversos. Já para Oyama (2020), a saída de Bolsonaro do PSC teve como importante fator a sigla ter feito coligações locais com o Partido Comunista do Brasil (PCdoB). A escolha pelo PSL foi milimetricamente negociada:

O acordo previa ainda que, durante a campanha, Bivar cederia a Bolsonaro e seu grupo nada menos que a presidência nacional interina do PSL, dois terços da sua Executiva, todos os diretórios estaduais e o controle do fundo partidário. Os termos aplacaram o medo do candidato de ser passado para trás e ficar sem legenda no último instante.²⁰ Já Bivar não demorou a ter certeza de que havia feito um ótimo negócio ao ceder dedos e anéis ao ex-capitão. Em outubro, tracionado pela onda Bolsonaro, o PSL elegeu três governadores, quatro senadores e 52 deputados federais (a estimativa mais otimista na sigla era de 25 deputados). O ex-partido nanico fez comer poeira siglas como MDB, PP e, o mais humilhado de todos, PSDB, que recuou da terceira bancada na Câmara para a nona. O PSL era agora a segunda maior bancada na Câmara depois do PT (passada a eleição, com as

trocas de partidos, PSL e PT empataram em número de integrantes, com 54 cada um; em agosto, com a expulsão de Alexandre Frota, o PT retomou a dianteira) (OYAMA, 2020, p.58).

Apesar da estrutura de financiamento do PSL em 2018 não ser tão pequena, é digno de nota que a candidatura de Bolsonaro contava com bem menos recursos que seus principais adversários políticos, de acordo com Oyama (2020, p.55): “Naquele ano, a cota da sigla no fundo eleitoral foi de 9 milhões de reais. A título de comparação: o PT teve direito a 212 milhões de reais e o PSDB, a 185 milhões[...]”. E segundo Jairo Nicolau (2020, p.11) “[...] dispôs de menor tempo no horário eleitoral gratuito que um candidato competitivo já teve em uma disputa para presidente”. À vista disso, Piaia e Alves (2020), reforçam o pouco tempo de televisão e suposta economia de recursos da candidatura de Bolsonaro para reiterar uma importante estratégia: a atuação da campanha política à margem das mídias convencionais na esfera digital, que refletiu uma tendência na incorporação do uso das redes em campanhas políticas. Porém, o papel dessa incorporação no caso do bolsonarismo é citado pelos autores como subterrâneo, por não terem sido criadas plataformas de uso exclusivo da campanha. Ao invés disso, foram utilizadas plataformas já presentes no cotidiano de grande parte da sociedade, tanto para política quanto para outros fins.

Os autores enfatizam a rede WhatsApp como fundamental, principalmente para estratégia de viralização de conteúdos, mas ligada a uma rede de outras plataformas digitais que se conectam através da interatividade social nas redes, um ecossistema que liga o WhatsApp principalmente com o Facebook, YouTube e sites de notícias. O WhatsApp é uma plataforma de mensagens instantâneas com limitações de pessoas por grupos. Os autores argumentam que para uma disseminação massiva de campanha por meio dela se faz necessário uma ramificação em centenas de milhares de grupos para viralizar conteúdos políticos. Por consequência, é apontada a existência de uma organização, mesmo que fluida e pouco transparente, que coexistiu com grupos de WhatsApp de família, trabalho e amigos.

Por meio de pesquisa envolvendo métodos quantitativos e qualitativos, os autores elucidaram a articulação existente na forma como as ferramentas digitais foram incorporadas na campanha de Jair Bolsonaro por três aspectos. Em primeiro lugar, a campanha digital contou com organizadores e articuladores tanto pagos

quanto voluntários que a pesquisa demonstra terem desenvolvido uma interação e disseminação comunicativa muito maior do que outros usuários, estando presentes em variados grupos de apoio a Jair Bolsonaro, apontando para a existência de elites digitais. Quanto a isso, vale ressaltar matéria citada pelos autores, que revela a distribuição de conteúdo em 1500 grupos por parte da equipe de comunicação de Bolsonaro¹⁹. Em segundo lugar, os autores ressaltam a estratégia de mobilizar temas buscando antecipar fatos e acontecimentos de forma a favorecer o conteúdo defendido pelos grupos:

[...] A proposta busca, portanto, antecipar as interpretações sobre fatos e acontecimentos, fornecendo um enquadramento prévio, que funcionará como atalho para que os indivíduos consigam organizar rapidamente eventos que podem desestabilizar suas crenças. Os enquadramentos preventivos podem ser mais diretos, colocando-se como contra narrativa prévia, ou mais sutis, deslegitimando o futuro emissor sem se referir ao tema especificamente [...] (PIAIA, ALVES, 2020, p.149).

Em terceiro, foram divulgados por vários grupos em apoio à candidatura uma espécie de “santinhos virtuais”, elencando aliados de Bolsonaro nas disputas proporcionais por todo território, criando uma relação de troca de votos entre Bolsonaro e outros candidatos aliados. Os autores explicam que os objetivos da campanha subterrânea digital de Jair Bolsonaro, principalmente a partir de grupos de WhatsApp criados para esse determinado fim, miraram não somente na promoção da imagem do então candidato e ataque a opositores, como também ajudaram orientar de uma forma mais geral o conteúdo disseminado e neutralizar ataques à figura de Bolsonaro. De acordo com Piaia e Alves (2020, p.151) “[...] a identificação de super-participantes [...] bem como a coordenação de votos e o enquadramento preventivo indicam o uso estratégico do aplicativo na campanha eleitoral.”

Ao analisar o campo político-identitário no Brasil no contexto polarizado das eleições de 2018, associado aos desafios impostos pela digitalização da política, Cesarino (2022) também coloca como pontos fundamentais a forma com que a campanha de Bolsonaro foi veiculada nas mídias digitais. Isso porque não foi somente a simples utilização dessas ferramentas na esfera da comunicação de campanha que favoreceu o então candidato, mas sim a forma com que a figura de

¹⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/time-digital-de-bolsonaro-distribui-conteudo-para-1500-grupos-de-whatsapp-23134588>. Acesso em 31 janeiro 2023.

Bolsonaro se portava, fator essencial para fomentar ainda mais o engajamento e incentivar apoiadores a interpretar e criar conteúdos online. A autora deixa claro que a campanha digital de Bolsonaro foi orientada por características populistas, visando a conexão direta com maior número de pessoas. Ela destaca algumas estratégias que expressam características populistas por meio das redes, buscando mobilizar grupos e posicionar-se a favor do povo contra inimigos antagônicos:

[...] mobilização permanente através de conteúdos alarmistas e conspiratórios; espelho invertido do inimigo e devolução de acusações; e criação de um canal direto e exclusivo de comunicação entre a liderança e seu público através da deslegitimação de instâncias de produção de conhecimento autorizado na esfera pública (notadamente, a academia e a imprensa profissional). Dentro da minha experiência de pesquisa, essas cinco funções foram suficientes para praticamente esgotar o universo massivo de conteúdo digital – memes, vídeos, áudios, textos – que circulou amplamente durante e após a campanha eleitoral no aplicativo WhatsApp (Cesarino, 2019b) (CESARINO, 2019, p.533).

Neste sentido, o comportamento ambíguo de Bolsonaro e os discursos de significantes vazios muitas vezes motivaram as pessoas a interpretar os discursos a partir de um determinado conjunto ideológico de cunho moral, político e/ou econômico. É ilustrativo disso a bivalência no eixo central do bolsonarismo, isto é, o diálogo entre o neoliberalismo e o conservadorismo, que para a autora expressa uma linguagem baseada em significantes vazios muito utilizada por populistas para aglutinar grupos distintos. O bolsonarismo tornou-se um fenômeno político capaz de construir uma identidade coletiva diversa sobre a denominação política de direita, em uma relação de contraste a inimigos antagônicos como a esquerda, as minorias, a imprensa, etc. Desta forma, descreve uma importante característica da estrutura de comunicação de Bolsonaro em 2018, uma estrutura fragmentada. Bolsonaro se mostrou em 2018 um candidato por vezes contraditório e ambíguo, sua figura foi capaz de realizar conexões, mesmo que parciais, com grande variedade de pessoas, articulando-se com diferentes grupos, sempre em oposição à esquerda e ao PT. Essa estrutura, a que a autora recorreu à figura do “caleidoscópio”, permitiu o direcionamento de mensagens àqueles mais propensos a serem afetados, levando a uma lógica de retroalimentação entre a produção vinda da equipe estratégica de campanha e a base de apoiadores, o que veio a contribuir para a autonomização do bolsonarismo e a viralização de conteúdos políticos que favoreciam Bolsonaro.

De fato, Jairo Nicolau (2020) toma a velocidade de propagação de informação nas redes sociais como fator primordial para a ascensão de Bolsonaro nas eleições. Principalmente quando levado em consideração que o então candidato, mesmo contando com maiores recursos no segundo turno e oportunidade de aparecer mais na mídia, optou por manter a interação via redes sociais e não comparecer em eventos ou debates. Isso diz respeito a duas coisas: em 2018 o WhatsApp se firmava como importante fonte de informação, divertimento e comunicação profissional com a maior acessibilidade a população em geral, sendo mais utilizado do que nunca por cidadãos de classe mais baixas e trabalhadores; e também que a campanha de Bolsonaro soube se aproveitar desses fatores e utilizar em maior escala o WhatsApp do que seus opositores. Sendo uma rede social de mensagens privadas e de fácil propagação, o autor menciona a difusão extensiva de fake news que em sua maioria tinham como alvo deslegitimar a campanha do adversário do PT. Além disso, a ferramenta foi fundamental para a candidatura de aliados de Bolsonaro, já que foram difundidas “colas” eleitorais de votos para cada localidade com as relações bolsonaristas de candidatos. Por fim, vale mencionar pesquisas do Datafolha realizadas nas eleições de 2018, apontadas por Nicolau, que indicam maior índice de votos em Bolsonaro por usuários das três redes sociais, WhatsApp, Facebook e Twitter. E também que a probabilidade, dentre pessoas que utilizam o WhatsApp, ser maior de votar no Bolsonaro quanto maior for a escolaridade, levando em consideração que pessoas com grau de escolaridade maior utilizam mais as redes sociais e apresentam maior preferência por Bolsonaro. Isso demonstra o sucesso da campanha de Bolsonaro nas redes sociais.

M5S E BOLSONARO EM PERSPECTIVA COMPARADA

Existem muitos paralelos que podem ser traçados entre os dois fenômenos, tendo em vista que, mesmo que seus líderes tenham entrado debaixo dos holofotes vindo de lugares com naturezas distintas, ambos atribuem a suas figuras o papel de outsiders capazes de dar real voz à população e “consertar” os problemas nacionais. Esse forte apelo em criticar a legitimidade dos ocupantes de poder, colocando-se como real legítimo candidato, pode ser observado na trajetória eleitoral de ambos os casos. De um lado, o bolsonarismo que se apoiou na estratégia de se aproveitar das redes de mobilização anti-PT, construídas principalmente desde as jornadas de manifestação de 2013, colocando a figura de Bolsonaro como único candidato legítimo ao cargo de presidente. Do outro, o M5S que também utilizou em grande medida a moralização da política em direção a uma casta de políticos que, de acordo com eles, constituía um corpo corrompido e corrupto, colocando o Movimento como real responsável de uma renovação total da política italiana, capaz de lançar candidatos realmente honestos e capazes de atender às demandas da população.

Com isso, mobilizaram diferentes estratégias populistas e conseguiram estabelecer uma conexão direta com amplos setores da sociedade. Uma dessas estratégias se refere a ambiguidade em seus discursos, muitas vezes vagos e abertos a interpretações distintas. O Movimento 5 Estrelas, como já abordado no trabalho, desafiou os analistas políticos ao posicionar-se tanto à esquerda quanto à direita, dependendo do tema em questão, e o bolsonarismo conseguiu mobilizar diferentes grupos da direita, por vezes antagônicos, ao emitir mensagens muito abertas a interpretações e assim aglutinar diferentes grupos liberais, ultraliberais, conservadores, autoritários e distintos grupos religiosos. Em comum, havia um forte componente anti-PT.

Em ambos os fenômenos, a digitalização da campanha se fez presente, mobilizando as estratégias populistas adaptadas ao novo padrão de sociabilidade virtual. Nasce do campo midiático e se sustentam através dele. Porém, há diferenças. O Movimento conseguiu organizar-se por anos através da plataforma de um blog como centro político, levando à frente um experimento político idealizado por Grillo e Casaleggio. Já o bolsonarismo utilizou uma rede amplamente conhecida

e popular. Tal rede estruturou-se em centenas de milhares de grupos em uma plataforma já existente de mensagens privadas, o WhatsApp, que já vinha sendo utilizada pela sociedade ao longo dos anos em círculos de família, amigos e de trabalho, levando em conta o aumento de acessibilidade à plataforma anos antes das eleições de 2018.

A centralidade das ferramentas digitais em ambos os casos chama a atenção, sendo extremamente oportuno entender as estratégias populistas associadas aos seus usos na contemporaneidade, no que toca ao ambiente comunicacional em redes digitais. Isso porque, segundo Dugnani e Macedo (2022), podem ser observadas características populistas na forma com que as pessoas interagem nas redes. As ferramentas digitais tornaram qualquer indivíduo, que tenha acesso a elas, capaz de se tornar emissor global, com potencial de alcance antes apenas restrito aos meios de comunicação de massa como televisão e rádio. Isso relaciona-se ao fato de que o indivíduo, nesse contexto, geralmente almeja maior relevância em relação à quantidade de acessos que gera em reação ao que emite ao invés da relevância ética de sua mensagem, já que sua popularidade, também pode significar oportunidades profissionais e comerciais. A popularidade atualmente simboliza antes uma meta a ser atingida do que consequência. Neste sentido, os autores defendem a ideia de que, no meio virtual, há uma busca pela construção identitária com base em visibilidade, estabelecendo conexões com maior número de pessoas. Assim, o populismo nesse meio atinge a busca generalizada de disseminação de ideias e busca por maior número de conexões:

Nos meios digitais, costuma-se confundir relevância com audiência, pois o que faz uma informação relevante, para os usuários dos meios digitais (como por exemplo os influenciadores) não é a utilidade ética da mensagem para a população, ou o esclarecimento que ela produz, mas sim a quantidade de audiência que aquela mensagem é capaz de gerar. Audiência significa nos meios digitais visibilidade, e visibilidade significa poder, seja ele político, econômico ou ambos (DUGNANI; MACEDO, 2022, p.157).

Os autores alertam para o lado negativo dessa busca por visibilidade, em que a veracidade ou importância do conteúdo emitido ganha menos importância do que o impacto e o alcance, sendo mais oportuno para os indivíduos explorar a subjetividade emocional dos receptores. Desta forma, Dugnani e Macedo (2022) enxergam maior alienação do que esclarecimento provocado pela atual velocidade de circulação de informações. Esse meio constitui ambiente fértil para discursos populistas, em que pese antes as opiniões centradas nos indivíduos, do que baseadas

em comprovações científicas. A repercussão do conteúdo, e não o debate racional, passa a legitimar sua relevância e veracidade para os emissores e receptores. Nesse contexto, fenômenos populistas indicam riscos em suas interações em rede quando buscam estabelecer conexões com as pessoas com base em tendências, muitas vezes ligadas à primazia das emoções nas redes, sem atingir nesse processo a consciência e racionalidade dos indivíduos. Assim, tornam-se mais fáceis estratégias de discursos populistas que buscam contrapor grupos, convencendo as pessoas da veracidade de suas concepções simples e amplas de conceitos complexos como povo, legitimidade e democracia.

Ao longo do trabalho, foi visto como os dois casos apoiaram-se em larga escala nesse ambiente virtual, desta forma foram capazes de impulsionar discursos proferidos por grande número de pessoas que se encontravam descontentes, ressentidas e com vontade de mudanças reais no mundo social em que se encontravam. Em outras palavras, os dois fenômenos políticos foram capazes de juntar uma audiência que buscava a realização de práticas mais imediatas, sem direções definidas, com base em crenças que não necessariamente refletem verdades, mas que geraram impressionante repercussão em relação a contextos nacionais e internacionais. Se por um lado o Grillo e Casaleggio mobilizaram todo um movimento até o ingresso no sistema político, utilizando de discursos quanto a necessidade de “limpar” o parlamento, Jair Bolsonaro foi extremamente hábil em se aproveitar de redes de mobilização anti-PT para criar seu movimento próprio em torno de sua agenda contrária à suposta hegemonia de esquerda, muito ligada ao Partido dos Trabalhadores, e assim chegar à presidência da república proferindo discursos antissistema contra o meio eleitoral pelo qual se elegeu em 2018. Os dois construíram uma rede de apoio utilizando a lógica virtual de direcionamento de mensagens a segmentos da sociedade, garantindo com essas ferramentas digitais um espaço de ascensão próprio que impacta o mundo externo e não se fecha em determinado conjunto ideológico de esquerda ou direita.

Quando se observa as estratégias de campanha, os dois casos compartilham de forte moralização da política, mobilizando de forma recorrente discurso contra o status-quo. Todavia, a forma que isso parece ter sido instrumentalizado em suas campanhas se diferenciam, e isso está interligado com a ambiguidade em que construíram suas identidades políticas. A ambiguidade do Movimento 5 Estrelas diz respeito à capacidade de mobilizar assuntos de grande repercussão nacional nas

redes sociais, temas que são característicos de lados por vezes antagônicos no espectro político, e isso foi com o objetivo da utopia em renovar totalmente a democracia italiana por intermédio das ferramentas digitais. Já Bolsonaro mobilizou um movimento ao redor de sua imagem associando a luta contra uma suposta hegemonia de esquerda ao PT, aglutinando grandes setores da sociedade que buscavam alternativas ao Partido dos Trabalhadores. Com isso, Bolsonaro adotou postura extremamente ambígua, através do estímulo a interpretação de seus discursos e atitudes, que foi essencial para aproximar setores da direita que possuíam ideias antagônicas, e dar corpo ao movimento, que convencionou-se chamar de bolsonarismo, em torno de uma bandeira ampla: “Deus, Pátria e Família”.

Em outras palavras, o caso italiano apresentou uma utopia de se apresentar como algo completamente diferente no sistema italiano, capaz de renovar o sistema político como um todo, enquanto Bolsonaro mobilizou adeptos em busca do combate à esquerda no país, a vista de sua crença em uma suposta hegemonia global de esquerda. Com esses diferentes objetivos, uma distinção estratégica entre os dois ganha sentido: a de que Grillo conseguiu criar seu próprio partido, que por anos mantinha certo controle ideológico, ao passo que Bolsonaro alternou entre diferentes partidos em busca de apoio, recursos e adeptos, formando uma frente ampla de direita que não se restringe a qualquer partido. Ao contrário de Grillo, que viu seu partido se integrar ao sistema que combateu e perder prestígio eleitoral, Bolsonaro, derrotado nas eleições de 2022, manteve-se como capital político almejado por muitos partidos. No campo da direita, Bolsonaro é apartidário.

LP Pirro e Taggart (2022) defendem a ideia de que há uma racionalidade estratégica na ligação entre populismos e uso de teorias da conspiração, estas sendo muito utilizadas para desviar atenção do status que tais fenômenos passam a ter quando integram governos. É uma estratégia muito preocupante usada muitas vezes para deslegitimar adversários políticos e se blindar contra hostilidades dirigidas a si mesmos. Isso é ainda mais relevante para políticos que buscam conciliar uma rejeição contra o establishment com as regalias de fazer parte dele. Essa questão parece dizer mais respeito ao então candidato à Presidente da República Jair Bolsonaro, já que sua campanha se esforçou em construir uma imagem de alguém fora do sistema, mesmo que o então candidato tenha uma trajetória política extensa dentro do Congresso Nacional. Porém, mesmo no caso do Movimento 5 Estrelas a

moralização da política e o pensamento antissistema pode sim ter atingido por vezes o patamar de teorias da conspiração, associado a simplificação do discurso enérgico contra a classe política e midiática. Isso se dá pela forma com que essas teorias podem ser usadas tanto como ferramenta de mobilização de oposição dentro de disputas eleitorais, a fim de deslegitimar os adversários políticos, como de dentro do sistema político para reforçar união contra algum inimigo interno ou externo.

No entanto, o apelo à moralidade parece ter sido elevado a outro nível na campanha do então candidato Jair Bolsonaro. De acordo com Almeida (2019), parte do mundo evangélico compõe o que se chama de onda da nova direita no Brasil, através principalmente da articulação de parte desse segmento religioso com o conservadorismo, o que contribuiu para o voto ideologicamente orientado em 2018 e a vitória de Bolsonaro. O autor caracteriza a crise pós-2013 no país pela extrema imprevisibilidade e instabilidade, atribuindo fatores contextuais como a perda da bandeira ética pelo campo político à esquerda, com escândalos de corrupção, a mobilização nas ruas e nos meios digitais, e a atenção da população menos engajada aos acontecimentos políticos ao redor do combate da corrupção, gerando uma grande “audiência política”. Nesse contexto, setores do mundo evangélico mobilizaram de forma mais intensa bandeiras éticas associadas à religião, pois julgavam existir uma derrocada dos valores, da moral e dos bons costumes, representada pelas figuras políticas mais associadas à corrupção pela opinião pública, ou seja, à esquerda no país. Daí surgiram inúmeras teorias conspiratórias, tais como a já mencionada campanha direcionada à educação sexual das crianças.

É importante ressaltar também que, mesmo que o bolsonarismo e o M5S compartilhem de contextos e estratégias comuns, ou seja, contexto de crises e a negação ao status quo do sistema político, bem como o apelo à moralidade, traçaram caminhos de campanha muito diferentes entre si e, por conseguinte, desenvolveram redes de relações distintas. Enquanto o bolsonarismo parece ter ressaltado a retomada ética de valores, morais e costumes do que chamam de “tradicional família brasileira”, na busca de se opor a uma suposta hegemonia nacional de esquerda, o M5S reservou papel antissistema muito maior em seus ideais ao buscar uma renovação da própria estrutura e organização política, por meio da criação de sua própria plataforma.

Tudo indica que a trajetória única de cada caso garantiu redes de relações distintas entre eleitores, ativistas e representantes eleitos. Segundo Rodrigues e

Ferreira (2020), a forma de interação de Bolsonaro com as redes sociais é no sentido vertical, em que seus eleitores se tornam apenas receptores e divulgadores, ou seja, o eleitorado em maior parte era apenas receptor e não produtor das mensagens, numa interação do uso estratégico das redes sociais.

Já no caso do Movimento 5 Estrelas, o capítulo desenvolvido sobre o fenômeno já parece indicar uma maior horizontalidade, ainda que esta tenha servido em boa parte da trajetória do Movimento como forma de garantir que não se desenvolvessem hierarquias abaixo da liderança central, formada na época por Grillo e sua equipe. As redes de relações, através da incrível habilidade carismática de Grillo, se desenvolveu no sentido de gerar maior controle sobre os representantes eleitos pelo Movimento, colocando os eleitores como partícipes dos processos políticos dentro do partido, ainda que a palavra final seja da liderança central – uma espécie de centralismo democrático digital. Os problemas quanto à sobrevivência do M5S, neste sentido, são indicados pela literatura como a falta de coesão no comportamento político do partido no parlamento, com integrantes portando agendas políticas muito heterogêneas, afetando a capacidade do partido em propor transformações efetivas.

Vale ressaltar, por fim, que a pesquisa bibliográfica sobre ambos fenômenos no presente trabalho ajudou a esclarecer a existência de redes de relações horizontais e verticais como não excludentes, considerando aspectos autoritários na forma de atuação do Movimento, vindo de anos da liderança formada pela equipe de Grillo, e aspectos de autonomia de atores e grupos no bolsonarismo que ajudaram a organizar de forma voluntária sua campanha nas redes e nas ruas, produzindo conteúdo ao lado da equipe oficial de campanha de Bolsonaro. A bibliografia também evidencia que o nível de institucionalidade democrática e de legitimidade dos partidos tem forte impacto sobre esses dois movimentos. Na Itália, o M5S, coloca a democracia como meta incapaz de ser otimizada pelos partidos; no Brasil, o bolsonarismo coloca a democracia em xeque valendo-se da estrutura formal dos partidos existentes, incapaz de criar sua própria organização partidária.

CONCLUSÃO

Essa parte final do trabalho sintetiza a pesquisa em relação ao seu formato, trazendo reflexões e conclusões a partir da leitura ao longo de seu desenvolvimento, e apontando possíveis caminhos posteriores em futuros trabalhos sobre o tema. Iniciou-se a dissertação por meio do debate teórico conceitual sobre o uso de estratégias populistas, levando em consideração que o populismo não é algo novo e apresenta-se como parte constitutiva da democracia representativa, como apontado por De La Torre (2007), dado que tal fenômeno apropria-se de significados de povo para acusar falhas na representação e buscar a inclusão de grupos à margem da representação política.

Conceitua-se o populismo através de uma visão fictícia da política, como descrito por Müller (2016), na qual acredita-se existir um tipo de representação pura associada a uma concepção homogênea de sociedade, aproximada a determinado conjunto ideológico tido como único capaz de traduzir esse tipo de representação na esfera política. Levando em consideração essa apropriação da legitimidade do poder, os fenômenos populistas tendem a estabelecer conexões diretas entre líderes e apoiadores. Ainda, as estratégias utilizadas nesse tipo de fenômeno, ainda que não sejam exclusivos de populismos, são tornadas mais explícitas e abertas a fim de convencer grupos de suas ideias, usando muitas vezes de teorias conspiratórias para manter a visão fictícia de representação pura da vontade popular.

Tudo indica que o populismo, enquanto constitutivo da democracia representativa, acompanha mudanças nos padrões comunicacionais, dado que eles afetam em grande medida as relações de poder (CASTELLS, 2013). Desta forma, é possível observar a incorporação das ferramentas digitais em recentes fenômenos populistas, já que se tornaram fundamentais no ambiente comunicacional na contemporaneidade. O acesso de pessoas a alcances antes restritos a meios de comunicação de massa, por meio dessas ferramentas, ainda revela padrões de sociabilidade que tornam o ambiente virtual favorável para a ascensão de fenômenos populistas, tendo em vista que tais padrões apresentam a proeminência da visibilidade e difusão sobre a relevância ética no tocante ao fluxo de informações (DUGNANI, MACEDO, 2022).

Desta forma, líderes populistas têm se apropriado desse ambiente, encontrando em cenários de crise emoções ligadas a frustração e descontentamento, que permitem a contraposição simplista entre grupos tomados como homogêneos e outros que detêm maior poder político e social. A partir disso, o presente trabalho apresenta análises parciais sobre dois fenômenos populistas recentes, que têm em comum a centralidade do uso das ferramentas digitais, indicando os dois como casos representativos de populismo digital. Análises parciais porque, a partir da leitura de autores que estudaram cada um dos casos, construiu-se uma estrutura de fatores relacionados à trajetória de ascensão de ambos.

No caso do Movimento 5 Estrelas, criado como movimento em 2005 e como partido em 2009, a pesquisa teve como prioridade a análise de trajetória até sua fase de institucionalização em 2013, em que se dá sua ascensão meteórica para dentro do parlamento italiano. Foram descritos aspectos do sistema político italiano que, por um lado, revelam em mudanças eleitorais e crises um processo de distanciamento entre representantes e representados na Itália, favorecendo o M5S, e por outro, mudanças eleitorais que buscaram reduzir a fragmentação partidária e constituíram obstáculos ao M5S e novos atores políticos (RICCI, 2006; PASSARELLI, 2018). Foi levantado um breve histórico do Movimento, levando em consideração a trajetória ativista de seu principal idealizador, Beppe Grillo, e o processo de seu direcionamento às disputas eleitorais (D'ALIMONTE, 2019; TRONCONI, 2016; VIGNATI, 2016; MOSCA, 2014). Posteriormente, foram mapeadas características da estrutura organizacional com ênfase na centralidade das ferramentas digitais, já que por anos o partido estruturou-se ao redor do blog de Grillo e plataformas virtuais, como também ênfase na ambiguidade que desafia analistas políticos até hoje em localizar o partido dentro do espectro político entre direita e esquerda (BAILO, 2017; LANZONE, TRONCONI, 2016; VIGNATI, 2016).

Já no caso de Bolsonaro, que constituiu um movimento ao redor de sua imagem, denominado de bolsonarismo pela esfera pública e acadêmica, o trabalho em primeiro lugar buscou contextualizar o cenário em que se deu seu surgimento, priorizando sua ascensão até seu sucesso eleitoral em 2018. Nesse sentido, levou-se em consideração a tradição autoritária presente na história política brasileira (CARVALHO, 1991; SANTOS, 1993; WEFFORT, 1978; HATZIKIDI, DULLO, 2021), caracterizada por autores já clássicos, para assim descrever o processo de

surgimento do bolsonarismo. Os fatores principais explorados dizem respeito aos seguintes cenários: descontentamento da sociedade frente ao sistema político (VIEIRA, 2018; GOHN, 2019); maior protagonismo de instituições aplicadoras da lei nos últimos anos, afetando o sistema partidário (VIEIRA, 2018; SANTOS, TANSCHKEIT, 2019); substituição de uma direita moderada por uma mais radical (SANTOS, TANSCHKEIT, 2019; ROCHA, 2018); e direcionamento ideológico da sociedade brasileira nas urnas em 2018 (FUKS, MARQUES, 2020).

Assim como no caso italiano, o trabalho apresentou um breve panorama biográfico de Jair Bolsonaro (OYAMA, 2020; DAL PIVA, 2022), e em seguida pretendeu-se descrever o rápido desenvolvimento do bolsonarismo associado a um movimento de direita mais amplo, presente em várias democracias. Esse movimento é baseado em ideias de defesa da antiglobalização em detrimento da recuperação de valores locais tidos como ameaçados pelo cosmopolitismo (BARBOSA, CASARÕES, 2022; RIBEIRO, 2022). À vista disso, foi apresentado no trabalho como a campanha de Jair Bolsonaro foi capaz de se estruturar em associação à construção de uma frente ampla de direita, com base na reorganização da nova direita no país. Devido a este fato, acabou por incorporar estratégias digitais de mobilização que foram fundamentais para o alcance do fenômeno obtido.

Por fim, o trabalho revelou três achados principais. Em primeiro lugar, como é possível o enquadramento dos dois casos como exemplos de populismo digital, já que, lembrando a concepção do termo explorado por Cesarino (2022), nos dois as estratégias populistas foram adaptadas a uma nova realidade de sociabilidade. Ambos conseguiram grande engajamento na rede por compreenderem, de forma racional ou intuitiva, o funcionamento do algoritmo, e com isso estabeleceram conexões com grande número de grupos heterogêneos de pessoas.

Em segundo lugar, a pesquisa demonstrou a confrontação ética e moral relacionada a recorrentes discursos contra o status quo, porém por razões distintas. O M5S confrontou o sistema político italiano acusando falhas de representação da política tradicional, se colocando como movimento revolucionário capaz de renovar a política italiana com mecanismos participativos por intermédio da internet. Por outro lado, Bolsonaro e o bolsonarismo confrontaram a esquerda brasileira de acordo com concepções fictícias do mundo político, navegando com facilidade na corrente anti-PT difundida anos antes no Brasil. Em relação a essa distinção, Grillo criou um partido, já que o Movimento foi pensado como única estrutura capaz de

renovar a política italiana e lançar os verdadeiros representantes da vontade popular, ao passo que Bolsonaro liderou uma frente ampla de direita contra a esquerda nacional, transitando entre diferentes partidos em busca de apoio.

Em terceiro lugar, verificou-se a possibilidade de desenvolvimento, nas interações com o público, de relações verticais e horizontais como não excludentes. Isso porque a literatura demonstra, no caso do M5S, a existência de autonomia dos integrantes, mas também aspectos autoritários ligados à própria essência do populismo, que em muitos momentos levaram a expulsões de integrantes por critérios pouco objetivos e esclarecidos. E no caso do bolsonarismo, de fato é observado a proeminência de uma rede de recepção e disseminação vinda de cima, todavia, vários eventos, como o mais recente sendo a invasão à esplanada em janeiro de 2023, revelam maior ligeireza na criação de conteúdos e mobilizações em torno de grupos integrantes, que lembram o texto de Cesarino (2022) quanto à capacidade de autonomização propiciado pelas redes.

Em virtude das reflexões trazidas por esse trabalho, não é demais dizer a importância de mais exercícios reflexivos sobre os impactos do entrelaçamento entre as redes digitais e o sistema político.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANCHES, Sérgio. Presidencialismo de coalizão: raízes e evolução do modelo político brasileiro. Editora Companhia das Letras, p.341-374, 2018.

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. Novos estudos CEBRAP, v. 38, p. 185-213, 2019.

BARBOSA JR, Ricardo; CASARÕES, Guilherme. Statecraft under God: Radical Right Populism meets Christian Nationalism in Bolsonaro's Brazil. Millennium, v. 0, p. 1-31, 2022.

BAILO, Francesco. The citizen-user and the crowd-mediated politics of the Five Star Movement. The University of Sydney, 2017.

BRITO A. S.; Mendes C. H.; SALES F. R.; AMARAL M.C.S.; BARRETO M.S. São Paulo. O caminho da autocracia - Estratégias atuais de erosão democrática. Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo (LAUT), 2022.

CARVALHO, José Murilo. Os Bestializados. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. capítulos 1, 2 e 5.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CESARINO, L. Identidade e representação no bolsonarismo. Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. Revista de Antropologia, [S. l.], v. 62, n. 3, p. 530 - 557, 2019. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2019.165232. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/165232>. Acesso em: 13 dez. 2022.

D'ARAÚJO, Maria Celina. O autoritarismo eterno e o Brasil do século XXI o Eternal authoritarianism and 21st century Brazil Autoritarismo eterno y Brasil del siglo XXI. Mundos Plurales. Revista Latinoamericana de Política y Acción Pública, 8(2):85-103, 2021.

DAL PIVA, Juliana. O negócio do Jair: a história proibida do clã Bolsonaro. São Paulo: Companhia das Letra., 2022, pp.1-70.

DANTAS, Humberto. Governabilidade: Para Entender a Política Brasileira. Rio de Janeiro: Fundação Konrad-Adenauer, 2018.

D'ALIMONTE, Roberto. Como os populistas venceram na Itália. Journal of Democracy, São Paulo, v.8, n.1, p.73-95, mai. 2019.

DELLA PORTA, Donatella. et al. Movement parties against austerity. Cambridge: Polity Press. 2017.

DE LA TORRE, Carlos. The Ressurgence of Radical Populism in Latin America. *Constellations*, v.14, n.3, 2007.

DORIA, Pedro. *Fascismo à brasileira*. Rio de Janeiro: Planeta. p.174-190, 2020.

DUGNANI, Patrício; MACEDO, Roberto Gondo. MEIOS DE COMUNICAÇÃO E MODERNIDADE TARDIA: REFLEXÕES SOBRE O POPULISMO E O USO DOS MEIOS DIGITAIS. *Intellèctus*, v. 21, n. 2, p. 145-163, 2022.

EMPOLI, Giuliano Da. *Os engenheiros do caos : como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições*. São Paulo: Vestígio, 2019.

FELLA, Stefano. Italy: 2022 general election and new government. Uk Parliament. 08 de dezembro de 2022. Research Briefing. Disponível em: <<https://commonslibrary.parliament.uk/research-briefings/cbp-9629/L>>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2023.

FUKS, Mario; MARQUES, Pedro Henrique. “Contexto e voto: o impacto da reorganização da direita sobre a consistência ideológica do voto nas eleições de 2018.” *OPINIÃO PÚBLICA*, Campinas, vol. 26, nº 3, set.-dez., p. 401-430, 2020.

GAMBETTI, Z. How “alternative” is the alt-right?, *Critique & Praxis* 13(13), <<https://blogs.law.columbia.edu/praxis1313/zeynep-gambetti-how-alternative-is-the-alt-right/>> (acesso em 18 Jan 2023). 2018.

GIUFFRIDA, Angela. Beppe Grillo steps aside from Italy's Five Star Movement. *The Guardian*, 24, janeiro, 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/jan/24/beppe-grillo-steps-aside-from-italys-five-star-movement>>.

GOHN, Maria da Gloria (2019) *Participação e democracia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, cap. 108-173.

HATZIKIDI, Katerina, DULLO, Eduardo. Introduction: Brazil's conservative return. In: *A horizon of (im)possibilities: a chronicle of brazil's conservative turn*. Londres: University of London Press, 2021, pp. 1-37.

HYLTON, Forrest. Brasil, tragedia y farsa. *Nueva Sociedad*, Edição digital, janeiro de 2023. Disponível em: <<https://nuso.org/articulo/Brasil-golpe-bolsonarismo/>>. Acesso em: 01 de janeiro de 2023.

JOHNSON, Dennis W., *Campaigns and Elections: What Everyone Needs to Know®*. New York, NY, Oxford University Press, 2020.

LANZONE, Maria Elisabetta, TRONCONI, Filippo. Between Blog, Social Networks and Territory: Activists and Grassroots Organization. In: TRONCONI, Filippo. *Beppe Grillo's Five Star Movement: Organization, Communication and Ideology*. Nova York: Routledge, 2016, pp.26-54.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018, p.1-40.

MARENCO, André. Reformas eleitorais em perspectiva comparada. Revista do TRE-RS, Rio Grande do Sul, ano 21, n.44, p.21-47. janeiro/ junho de 2018. Disponível em: <https://abradep.org/wp-content/uploads/2020/10/revista-do-tre-rs-ano-23-44.pdf#page=22>. Acesso em: 25/04/2022.

MJ BULL. Whatever happened to the Italian Five Star Movement?. The Loop: ECPR's Political Science Blog. 4 Jul, 2022. Disponível em: <https://theloop.ecpr.eu/whatever-happened-to-the-italian-five-star-movement/>, Acesso em: 08/09/2022.

MOSCA, Lorenzo. The Five Star Movement: Exception or Vanguard in Europe?. The international Spectator. 49. 10.1080/03932729.2013.875821, janeiro, 2014.

MÜLLER, Jan-Werner. What is populism?. Pennsylvania, University of Pennsylvania Press, 2016.

NUNES, Rodrigo. Ataque golpista em Brasília é sinal de força e fraqueza do bolsonarismo: sem liderança explícita do ex-presidente e condições de concretizar a insurreição, segmento pode se radicalizar ainda mais. Folha de S. Paulo, edição digital, 11 de janeiro de 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2023/01/ataque-golpista-em-brasilia-e-sinal-de-forca-e-fraqueza-do-bolsonarismo.shtml>>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2023.

NICOLAU, Jairo. O Sistema Eleitoral de Lista Aberta no Brasil Dados. Revista de Ciências Sociais, v. 49, n. 4, p. 689-720, 2006.

NICOLAU, Jairo. O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

NORRIS, Pippa. INGLEHART, Ronald. Cultural Backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism. Cambridge, Cambridge University Press, 2019.

OYAMA, Thais. Tormenta. O governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p.1-78.

PANEBIANCO, Angelo. Political parties: organization and power. Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

PASSARELLI, Gianluca. Electoral Systems in context: Italy. In: S. HERRON,Erik; J. PEKKANEN, Robert; S. SHUGART, Matthew (Org.). The Oxford Handbook of Electoral Systems. Oxford University Press, p. 851-870, 2018.

PIAIA, Victor; ALVES, Marcelo. Abrindo a caixa preta: análise exploratória da rede bolsonarista no WhatsApp. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 43, p. 135-154, 2020.

PIRRO AL; TAGGART P. Populists in power and conspiracy theories. Party Politics. March 2022. doi:10.1177/13540688221077071

QUEM FOI OLAVO DE CARVALHO. BBC, 26 de janeiro de 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60139060>>

RICCI, Paolo. Em que ponto estamos? Sessenta anos de reformas institucionais na Itália (1946-2005). Rio de Janeiro: Revista de Ciências Sociais, vol.49, n.4, 2006.

ROCHA, Camila. “O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância?” IN O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil (Coleção Tinta Vermelha) (p. 2). Boitempo Editorial. Edição do Kindle, 2018, pp. 53-60.

ROCHA, Camila. Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2021.

RODRIGUES, Theófilo; FERREIRA, Daniel. ESTRATÉGIAS DIGITAIS DOS POPULISMOS DE ESQUERDA E DE DIREITA: BRASIL E ESPANHA EM PERSPECTIVA COMPARADA. Trabalhos em Linguística Aplicada [online]. 2020, v. 59, n. 2 [Acessado 16 agosto 2022], pp. 1070-1086. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/01031813715921620200520>>. Epub 16 Set 2020. ISSN 2175-764X. <https://doi.org/10.1590/01031813715921620200520>.

SANTOS, Fabiano; TANSCHKEIT, Talita. Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil. Colombia Internacional (99): p.151-186. 2019. <https://doi.org/10.7440/colombiaint99.2019.06>.

SANTOS, Wanderley. G. Razões da desordem. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. cap.3.

STEVE BANNON, EX-ASSESSOR DE TRUMP, É CONDENADO A 4 MESES DE PRISÃO. BBC, 21 de outubro de 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63351523L>>.

THE GOVERNMENT. Italian Government Presidency of the Council of Ministers, ano. Disponível em: <<https://www.governo.it/en/government-bodies-and-functions/government/17790>>. Acesso em: 24 de abril de 2022.

TRONCONI, Filippo. Beppe Grillo’s Five Star Movement: Organization, Communication and Ideology. Nova York: Routledge, 2016.

TRONCONI, Filippo. The Organisational and Ideological Roots of the Electoral Success. In: TRONCONI, Filippo. Beppe Grillo’s Five Star Movement: Organization, Communication and Ideology. Nova York: Routledge, 2016, p.303-325.

VIEIRA, Oscar Vilhena. A batalha dos poderes: Da transição democrática ao mal-estar constitucional. São Paulo : Companhia das Letras, p.1-56, 2018.

VIGNATI, Rinaldo. Beppe Grillo and the Movimento 5 Stelle: A Brief History of a 'Leaderist' Movement with a Leaderless Ideology. In: TRONCONI, Filippo. Beppe Grillo's Five Star Movement: Organization, Communication and Ideology. Nova York: Routledge, 2016, p.26-54.

WEFFORT, Francisco. O populismo na política brasileira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.